

# REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



## SUMÁRIO

REDAÇÃO: — Notícias de nossas escolas. — Biblioteca  
"Dr. Américo Lopes." — COLABORAÇÃO: — Granja-  
escola "Caio Martins", *Major Manuel José de Almeida*  
— Composições infantis, *Antônio B. de Carvalho* —  
TRANSCRIÇÃO: "Programa em experiência" (1.º ano).

# Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação



## Granja-Escola "Caio Martins"

Inaugurou-se a 15 deste mês a Granja-Escola "Caio Martins", situada na Fazenda Santa Teresa, Município de Esmeraldas.

Instituição destinada a educar menores abandonados foi criada pelo Decreto n.º 2.565, de 5 do corrente mês.

Interessado o Governo estadual na solução do problema de proteção às crianças sem lar, a presença de S. Excia. o Sr. Governador Milton Campos à solenidade de inauguração da Granja-Escola constituiu, sem dúvida alguma, índice seguro de que o Governo não só compreende o sentido social da obra a que tanto apoio vem emprestando, como também traduz a certeza de que na sua realização reside a mais sólida aspiração do povo mineiro.

Entregue aos cuidados de elementos da Polícia Militar, aos quais o Governo confia o êxito do empreendimento, a Granja-Escola já não é uma expectativa indefinida: é uma realidade auspiciosa.

Sua instalação, que contou ainda com a presença do Sr. Pedro Aleixo, DD. Secretário do Interior, Cel. José Vargas da Silva, Dr. Edgar Godói da Mata-Machado, Dr. Newton Ferreira de Paiva e do Prefeito de Esmeraldas, marcou o início de uma realização por todos os títulos digna dos mais calorosos aplausos.

Amparada pelo Comandante da Polícia Militar, que lhe vem emprestando toda sorte de benefícios, estimulando seus oficiais a devotarem o mais profundo amor às crian-

ças que ali terão seu lar carinhoso e feliz, a Granja-Escola, organizada sob os mais promissores auspícios, conta com a dedicação inextinguível do Dr. Pedro Aleixo, a cuja pasta está afeta a tarefa de proteção à infância abandonada. Por ato do Sr. Secretário do Interior, foi designado o Conselho de Ensino do educandário — o qual está assim constituído:

Major Manuel José de Almeida, 1.º Tesoureiro  
Raul Chaves Mendes (Diretor da Escola) e  
José Geraldo de Oliveira.

\*

#### PLANO DE ORGANIZAÇÃO DE GRANJA-ESCOLA

*Dirigida por elementos da Fôrça Policial, sob a orientação do Serviço de Menores do Estado*

I — *Dos fins* — A GRANJA-ESCOLA "CAIO MARTINS", diriga por elementos da Fôrça Policial e sob o patrocínio desta, tem por objetivo recolher menores abandonados e desvalidos, normais, de 8 a 12 anos, enviados pelo Serviço de Menores do Estado, ministrando-lhes educação e realizando a sua adaptação ou readaptação social.

II — *Nome* — "CAIO MARTINS" é um pequeno herói do Escotismo, essa insuperável "escola de caráter", na feliz apreciação de Desjordin. Os anos que decorreram após a tenebrosa noite de 19 de dezembro de 1938, na Serra da Mantiqueira, não conseguiram apagar da lembrança de quantos tiveram conhecimento do fato o exemplo de bravura e abnegação daquela adorável criança de 11 anos de idade. Hélio Marcos e Gerson Satuf não puderam assistir ao resultado da tremenda hecatombe, pois estavam mortos. Caio Martins, no entanto, é espectador e vítima daquele cenário de carros engavetados e de ferros retorcidos, onde gritos de socorro e gemidos lancinantes caracterizavam o ambiente. Eis quando ao recusar a padiola que lhe era apresentada, Caio Martins profere aquelas palavras que o tornaram inesquecível: "O ESCOTEIRO ANDA COM OS PRÓPRIOS PÉS". Momentos depois vai

reunir-se aos seus companheirinhos Gerson e Hélio, deixando ao Escotismo Nacional um legado de fé e de amor aos ideais que desposava.

O seu exemplo é um valioso patrimônio moral que deve ser sempre lembrado. O seu nome é o mais digno de figurar como patrono de uma escola para menores.

III — *A sede* — A Granja-Escola será instalada e funcionará na Fazenda Santa Teresa, sita a 60 quilômetros desta Capital. Na sede da Fazenda estão previstas, em linhas gerais, as seguintes obras:

1) — *de adaptação*, a serem realizadas em um ou dois prédios ali já existentes, objetivando receber logo 18 crianças, que inaugurarão o estabelecimento;

2) — *construções novas*, obedecendo ao plano das edificações da Granja-Escola, que prevê a execução de uma série de residências no estilo sóbrio e ameno das moradias rurais, bem distanciadas do tipo "pavilhão" dos patronatos e reformatórios.

3) — *montagem de uma pequena usina*, com a capacidade aproximada de 10 HP, caso não seja possível, conseguir-se a energia da usina da Serra Negra, concessão que facilitará consideravelmente a execução da obra ora delineada.

IV — *Dos meios* — A Granja-Escola contará para o seu funcionamento, com os seguintes meios:

#### I — *Fornecidos pela Fôrça Policial*

##### A — *Pessoal*:

a) praças, como as que já estão servindo na Fazenda Santa Teresa, que se revelem capazes de adaptar-se à situação nova de uma Granja-Escola e que sejam dotadas da necessária aptidão para as atividades de monitor e professor;

b) serviços técnicos da Secção de Engenharia, para o planejamento das construções e mão-de-obra necessária à execução das mesmas;

c) oficiais, inclusive o Diretor da Fazenda, para comparetarem o Conselho Técnico de Ensino.

**B — Material:**

- a) meios de que dispõe a Fazenda (transportes, tijolos, pedras, madeiras, etc.), sem prejuízo da finalidade que tem a própria Fazenda perante a Fôrça;  
b) camas para 32 crianças e 1 máquina de escrever.

**II — Fornecidos pela Secretaria do Interior**

A — *Pessoa*: — o que se fizer necessário, além do fornecido pela Fôrça, o que se conseguir mediante entendimentos do Conselho ou seu Diretor com o Serviço de Menores ou com o Sr. Secretário do Interior.

**B — Material:**

- a) de construção, não existente na Fazenda, como: cal, tintas, ferragens, cimento, instalações sanitárias, etc.;  
b) vestuários e roupa de cama;  
c) vasilhame, talheres, toalhas, etc., para instalação da cozinha e refeitório;  
d) gêneros para a alimentação, calculados mediante tabela a ser estudada, tomando-se por base os estabelecimentos congêneres, ou verba *per capita*, a isso destinada;  
e) 1 máquina de costura.

III — *Meios Diversos* — como os oriundos da própria atividade da Granja.

**V — Desenvolvimento do plano**

1) — *Parte de adaptação e seu objetivo* — Está sendo adaptada, a fim de abrigar 18 menores, dentro de 20 dias, presumivelmente, uma casa colonial de 5 cômodos, destinada a dormitórios dos abrigados, casa que será também residência do encarregado e de sua família. A sua instalação sanitária, embora modesta, é higiênica (fossa seca). Em caráter provisório, o refeitório será na atual casa do Diretor da Fazenda.

Esta primeira experiência, iniciada com grande simplicidade, visa um fenômeno de dupla e recíproca receptividade entre os educandos e educadores. Para isso, um trabalho de orientação já vem sendo feito com os elementos da Fazenda, no sentido de predispor-los a uma ação útil e construtiva no manêjo dessas pequeninas vítimas que quase sempre se encontram em estado de desajustamento social.

Tem-se ressaltado, nas preleções feitas a êsse propósito, a vida instintiva que a criança leva antes de ser abrigada, entregue ao seu próprio destino, sem conhecer a obediência sequer aos seus entes mais queridos. Visando êsse entendimento e a inadiável necessidade de preparar homens para a nova modalidade de trabalho, deliberou-se iniciar, desde logo, as atividades da Granja-Escola. A não ser esta razão de ordem pedagógica, nenhuma outra se impunha de modo a não permitir esperar que as cousas fôsem, antes, convenientemente dispostas para se poder dar início à obra educacional. Esses 18 meninos constituirão os pioneiros do magno e delicado empreendimento a que nos arriscamos. Serão êles também os construtores da Granja que vão habitar. Se bem orientados no sentido do objetivo em mira, terão em breve consubstanciado o espírito de uma organização que alguma coisa poderá fazer em prol da sociedade.

2) — *Projeto das edificações novas* — A Secção de Engenharia da Fôrça já se encontra fazendo o levantamento dos terrenos julgados mais adequados à localização das principais construções. Além das casas residenciais, tôdas elas comportando dependências destinadas ao chefe da família, pequenos alojamentos para os internados, refeitório geral e instalações sanitárias, serão construídos outros prédios para oficinas e escolas. Estabelecimentos de tipo comgregado. Será, não obstante, orientado no sentido de compensar êsse sério inconveniente psicológico. Na Granja-Escola não haverá pavilhão X ou pavilhão Y, mas apenas casas residenciais comuns, que serão distinguidas tão somente pelo nome do seu morador: chefe, família do chefe ou internado.

VI — *Organização* — A Granja-Escola "CAIO MARTINS" terá a seguinte organização:

A — Conselho Técnico de Ensino.

B — Secção de Educação e Ensino.

C — Secção de Saúde.

O Conselho Técnico de Ensino será constituído de três oficiais da Corporação, inclusive o Diretor da Escola, designados pelo Secretário do Interior, por indicação do Comandante Geral. Este Conselho responde perante o Serviço de Menores do Estado pela orientação pedagógica e estado geral do estabelecimento. Sempre que julgar necessário, solicitará a assistência técnica do S.M.E., com o qual estará sempre em contacto e por cujas normas e diretrizes se orientará.

A Secção de Educação e Ensino é diretamente subordinada ao Diretor da Escola e compreende:

1) — Ensino primário.

2) — Ensino profissional.

3) — Educação física e escotismo.

4) — Ensino religioso.

a) O ensino primário, o ensino profissional, a educação física e o escotismo são atividades diárias e paralelas que se alternam de conformidade com programas organizados anualmente. O ensino profissional será precedido de uma verificação psicológica ou de cuidadosa observação do menino, salvo se esta já vier indicada pela Secção de Triagem do S. M. E. no respectivo prontuário. Compreende também a parte artística (música, desenho, arte decorativa, etc.) Entre outras atividades profissionais, os meninos podem dedicar-se às seguintes: carpintaria e marcenaria; horticultura; avicultura, apicultura e suinocultura; alfaiataria; sapataria; serviços de pedreiro; noções de mecânica e dactilografia.

b) O escotismo, a educação física e o ensino religioso completarão os fundamentos da educação integral que se objetiva: o físico, o moral e o intelectual. A educação física racionalmente praticada torna a criança mais saudável e desembaraçada, auxilia o seu desenvolvimento somático e

aumenta a sua resistência contra as moléstias. O escotismo, o mais completo método de educação extra-curricular, proporciona agradáveis atividades de campo, onde o menino adquire hábitos morais que consubstanciarão o arcabouço de sua personalidade nascente. E' além disso veículo de aprendizado de assinalada significação. Utilizando-se das tendências naturais como meio educativo, ensina a todo instante a revelação de novos valores. Através de simples lições de cousas e de práticas elementares, permite a aquisição de proveitosos conhecimentos.

O ensino religioso, a cargo, do Capelão Militar da Fôrça, será ministrado inicialmente duas vezes por mês, no primeiro e terceiro domingos do mês.

A Secção de Saúde será dirigida por um enfermeiro, sob a orientação do S.S. da Fôrça. Em cada residência haverá uma pequena enfermaria, recebendo os doentes cuidados da própria família com que residam. Os casos de maior gravidade serão tratados em hospitais desta Capital, às expensas do Serviço de Menores do Estado.

VII — *Atividades do menor* — Aconselham os técnicos em questões de menores que estes, uma vez recolhidos, estejam sempre em atividade, pois a vida ociosa acarreta instabilidade e inquietude, mormente quando se trata de grupamento de personalidades muito variadas. A criança necessita estar constantemente ocupada em qualquer coisa, seja trabalho, estudo, atividade esportiva ou escoteira, evitando-se, é claro, a sua fadiga física ou mental. A Granja-Escola poderá proporcionar ao menor uma vida de construtivo labor. O ambiente agradável e acolhedor da Fazenda será o elemento afetivo a oferecer o primeiro ensino à educação, predispondo o garoto a uma alegre e promissora iniciação.

VIII — *Dos efetivos* — Como ficou dito, Granja-Escola iniciará suas atividades, a título de experiência, com o reduzido número de 16 menores. Justificou-se a medida. Com essa orientação, dar-se-á ensino a que o pessoal designado vá aos poucos se adaptando às novas atividades, antes que tenha as suas responsabilidades avolumadas por um número maior de alunos.

Em futuro próximo poder-se-á elevar êsse número para 100, efetivo em que se estabilizará durante o tempo necessário à apreciação dos resultados do empreendimento e a aquisição, por parte do pessoal encarregado, do indispensável tirocínio para fazer face a novos e mais vultosos objetivos.

As residências a serem construídas abrigarão, cada uma, até 25 menores, número que não deve ser excedido, a fim de que se conserve o característico familiar nas moradias da Granja-Escola. A formação pessoal do menino é o objetivo primordial do estabelecimento, cujo efetivo aumentará na medida de suas possibilidades, jamais, porém, em detrimento de sua eficiência técnico-pedagógica.

IX — *Duração do aprendizado* — Os menores poderão permanecer na Granja-Escola até os 18 anos, quando serão encaminhados a outros estabelecimentos de educação ou voltarão à casa dos pais ou responsáveis. Poderão sair também para se empregar, nesta Capital ou no interior do Estado. Em qualquer dos casos, o desligamento do menor se fará mediante ordem da autoridade competente, por pedido do interessado, *ex-officio*, ou por proposta do Conselho Técnico de Ensino.

Também serão encaminhados a outros estabelecimentos especializados ou reformatórios os menores que se mostram refratários aos processos normais de ensinamento ou que hajam praticado faltas ou delitos que possam comprometer a orientação educacional da Granja-Escola.

A Direção do Estabelecimento envidará seus esforços no sentido de encaminhar os seus alunos na vida prática, conseguindo-lhes emprêgo ou colocando-os sob a proteção de pessoas de comprovada idoneidade moral, acompanhando em ambos os casos a sua trajetória, até que os possa considerar perfeitamente integrados em meio salutar e digno.

X — *Uniformes* — O vestuário dos menores compreenderá dois uniformes de trabalho e um de passeio. Os primeiros, de mescla azul ou de brim cáqui, serão amplos, no estilo "macacão", porém, separado o blusão da calça e

terão, ainda, as seguintes peças: cueca, camisa e botina de elásticos laterais e "casquete". O uniforme de passeio será semelhante ao usado pelos escoteiros de terra, o que de certo modo facilitará a existência e o florescimento dessa salutar atividade que o plano prevê como principal responsável pela formação moral dos menores.

XI — *Conclusão* — Estão aí, em rápidos períodos, as linhas mestras de um plano. Nem tudo poderá ser ressaltado convenientemente, senão quando o estabelecimento estiver em pleno funcionamento. Só então será possível constatar a existência e a significação de certos detalhes aparentemente simples. Por outro lado, não parece de bom aviso a elaboração de esquemas grandiosos, apriorísticos e impressionantes, precedendo o evento de uma obra modesta.

A Granja-Escola "CAIO MARTINS" vai começar sua vida segundo a singela expressão do seu imortal patrono, "caminhando com os próprios pés." Por isso quer iniciar sua rota conduzindo bagagem não muito pesada. No futuro, se puder, ela mesma contará sua história.

Belo Horizonte, 10 de outubro de 1947.

Manuel José de Almeida  
Major

## Composições Infantis

ANTÔNIO B. DE CARVALHO

Quem examina as composições infantis observa, não raras vezes, grandes deficiências, como falta de conteúdo e incorreção gramatical em percentagem impressionante.

Isso preocupa a quantos se dão ao trabalho de orientar o ensino, mas nem todos descobrem as causas determinantes desse estado de cousas, razão por que nem sempre acertam no verdadeiro processo de imprimir alguma melhoria a esses trabalhos escritos.

A causa principal de as composições infantis apresentarem tantas falhas reside, a nosso ver, no emprêgo de maus processos de ensino e na exiguidade do tempo destinado às matérias fundamentais.

Entre os grandes males que a própria docente, sem o perceber, pode introduzir na sala de aula, figura a falta de motivação no trabalho. Ao invés de se criar uma situação que leve o escolar à necessidade de escrever, sem mais nem menos exige-se d'ele uma composição, e esta, tendo sido exigida e não motivada, torna-se forçada, deficiente, mal feita.

O aluno vai fazer o trabalho porque a professora insiste nisso, mas suas energias internas não se concentrarão nêle e a atenção voluntária virá substituir a espontânea, que não se apresentará para uma realização feita em circunstâncias forçadas.

Ao aluno que faz um exercício simplesmente em virtude da exigência da mestra, sem sentir interiormente a necessidade do mesmo, vai faltar aquêlê interesse mais profundo e mais realizador que o levaria a uma atitude mental, a um estado interno mais favoráveis à atividade.

Um outro defeito pedagógico prejudicial às composições é fazer que as mesmas versem sôbre assunto pouco familiar ao menino.

Entendemos freqüentemente que a matéria proposta é bastante conhecida dos escolares, pois tantas vezes já lhes falamos dela. O termo falado, entretanto, não garante a aprendizagem e pode acontecer que tenhamos, quando muito, entupido e congestionado a memória infantil, substituindo a experiência, que fala por si mesma, pelo verbalismo, que pouco ou nada exprime.

Em vez da observação damos, em primeiro lugar, o simbolismo, quando êste deveria vir por último, em consequência daquela. Aliás, temos ainda o hábito de fazer sempre o inverso, apresentando a palavra antes da experiência e do sentido, a regra antes de sua aplicação, as categorias gramaticais antes de destacá-las do período, na sua função real.

O assunto a ser focalizado deve ser do inteiro conhecimento do aluno, pois um tema em desacôrdo com essa exigência pedagógica não poderá ser desenvolvido pela criança nem por pessoa alguma.

Ninguém se atreveria, por exemplo, a fazer uma palestra sôbre matéria ignorada e, se assim procedesse alguém, daria prova decidida de imbecilidade, arriscando-se, além disso, a produzir as maiores tolices, sem tocar na substância do tema.

Temas vagos e desconhecidos, cousas no ar e mal definidas, constituem a razão mais forte da pobreza de conteúdo nas composições.

As cartas são freqüentemente escolhidas para isso, mas dão-se cartas fictícias, irreais, para destinatários supostos, envolvendo matéria absolutamente distanciada das preocupações e do conhecimento infantis.

Poder-se-ia dizer que isso não impede a aprendizagem, mas é certo que a dificulta sobremaneira, porque isso é trabalho despido de interesse.

Melhor aprendemos uma cousa quando a usamos real-

mente e quando ela se nos apresenta numa situação de vida, fora da ficção.

Se os temas forem reais e versarem sobre assunto de amplo conhecimento dos alunos, poderão apresentar-se, nas composições, quaisquer outros defeitos, menos a pobreza de conteúdo.

As incorreções gramaticais devem também preocupar muito os educadores.

Não se pense que estamos advogando o retorno da gramatíque nem patrocinando o advento da memorização de regras gramaticais. Queremos é a correção e esta é mesmo indispensável, pois exige ensino sistematizado, que só a prática da vida não conseguirá dar. Há erros que são levados pela criança até o fim do curso primário, por culpa quase exclusiva de um defeituoso processo de ensino.

Há docentes enérgicas quando se trata de corrigir um trabalho escrito e descuidadas em relação à linguagem falada, porque não atinaram na correlação existente entre uma coisa e outra. Os erros da linguagem falada transferem-se fatalmente para a escrita, circunstância esta que escapa, não raras vezes, ao tino da professora.

Toleram-se as maiores incorreções faladas, esquecendo-se de que, habituada a criança a falar corretamente, já está ela, por isso mesmo, aprimorando e corrigindo seus trabalhos escritos.

Linguagem correta não é apenas fruto de ensino sistematizado, mas deste e do hábito, e, para que este se forme, é preciso não haver interrupção no uso daquilo que desejamos se transforme em atitude habitual.

Se a escola permite que as crianças conversem erradamente, não se familiarizarão elas com a linguagem correta.

Quando se trata de corrigir propriamente a composição, é comum o sistema de se assinalarem a lápis, nos cadernos, as falhas verificadas. Nada mais absurdo do que isso.

O que lucrará a criança em ver riscado o seu trabalho, sem saber o motivo daquilo?

A correção deve ser ativa e não passiva, isto é, os pró-

prios escolares, e não sua docente, devem indicar os erros e ditar o modo certo de escrever.

Para isso, uma composição é levada ao quadro-negro e a mestra irá pedindo a colaboração das crianças para que, em cada período, elas procurem os desacertos e indiquem a maneira de saná-los.

Só quando faltarem a toda a classe os recursos para isso é que a docente deverá tomar a iniciativa dessa realização.

Com esse processo, haverá trabalho geral e, depois de alguns exercícios e da repetição de situações idênticas, as regras vão sendo induzidas.

Note-se bem que as regras não devem ser dadas para, mediante as mesmas, ser o trabalho corrigido, mas, em virtude da correção e do aparecimento de situações iguais, vão elas surgindo por indução e vão, assim, ficando bem compreendidas e bem gravadas.

Em no período, tendo em vista a função de cada coisa, que a criança vai aprender a falar e escrever com acerto, e nunca mediante a recitação de regras, como sucede em alguns estabelecimentos de ensino primário e até em muitos ginásios.

Quem fala de linguagem, em qualquer de suas modalidades, não pode esquecer-se da influência sobre ela exercida pela leitura, que familiariza o menino com formas elegantes e corretas e amplia o conteúdo mental, indispensável ao conteúdo da expressão.

Isso vale dizer que nenhuma classe pode deixar de possuir sua estante de livros bons, bem escritos, sadios sob o aspecto moral-religioso e próprios para as crianças a que se destinam, o que constituirá o melhor auxiliar da professora.

Motivando a atividade, apresentando temas amplamente conhecidos, levando as crianças a muitas situações que exijam leitura abundante, corrigindo insistentemente a linguagem falada dos alunos e levando as próprias crianças a descobrir e remediar as falhas das composições, colherá a professora os melhores frutos de seu trabalho.

## Biblioteca "Dr. Américo Lopes"

Começou a funcionar a Biblioteca "Dr. Américo Lopes", em Junho de 1940, com 165 livros, recebidos das diversas bibliotecas existentes nas classes do estabelecimento.

Iniciou-se o aluguer de livros em Outubro do mesmo ano, tendo sido alugados 22 livros, produzindo a renda de Cr\$ 8,70 (oito cruzeiros e setenta centavos), com a qual iniciámos a aquisição de livros.

A Biblioteca foi registrada no Instituto Nacional do Livro, em Junho de 1942, sob o n.º R. M. 239.

Em 13 de Setembro de 1940, recebeu a primeira remessa de livros do Instituto, em número de oito.

Em 20 de Setembro de 1944, recebemos o seguinte ofício:

Em vista de V. carta de 5 de Junho de 1944, essa Biblioteca passa a ser tratada como Escola Popular, com direito a receber mais livros.

*Américo Facó*, Diretor substituto.

\*

Em 1941 só funcionou em Setembro, Outubro e Novembro, por falta de armário e de uma responsável.

De fevereiro de 1942 a julho do mesmo ano, não pôde funcionar a Biblioteca, por falta de uma professora que se pudesse encarregar do trabalho. O estabelecimento, cuja frequência aumentará de cerca de 200 alunos, estava com o quadro de professoras desfalcado em mais de 10. A bibliotecária que trabalhava em 1940, achava-se licenciada. A orientação do Governo de então recusava-se a preencher os lugares existentes, apesar de reiterados pedidos e a permitir o contrato de substitutas para as licenciadas.

Do dia 15 de Julho de 1942, em diante, ficou a biblioteca entregue à professora Stela Matutina de Oliveira que, apesar de acumular o serviço de escrita do estabelecimento e o canto, impulsionou a biblioteca de maneira notável, conforme o prova o gráfico do movimento.

Conta atualmente 2.317 volumes, número êsse que faz com que a nossa Biblioteca esteja sob a denominação de Biblioteca Maior (de 2.000 obras em diante).

Possui catálogo de livros por assunto e duplicatas dêsse catálogo para uso do público; um livro caixa, para a escrita do movimento financeiro; livro de registro dos livros alugados a alunos do estabelecimento, sendo que os alunos pobres os retiram gratuitamente, para leitura em suas casas. Temos registro especial de livros alugados a pessoas estranhas, havendo um livro unicamente consagrado ao registro de consultas da Biblioteca Didática por professoras do estabelecimento.

Os livros recebidos do Instituto Nacional do Livro são, desde o início, registrados em livro próprio, destinado a êsse fim.

De dois em dois meses, fazemos o gráfico dos livros da Biblioteca Infantil, mais lidos pelas crianças, durante êsse tempo.

As classes de 3.º e 4.º anos têm obrigação de apresentar fichas de apreciação dos livros retirados pelos alunos das mesmas, na Biblioteca.

Cada aluno lê um livro à sua escolha, fazendo apreciação sobre o assunto do livro, qual o trecho, conto ou capítulo de que mais gostou e porque. Alguns fazem um pequeno resumo do assunto do livro. Essas fichas são ilustradas pelos próprios alunos e, reunidas em volume, são arquivadas, constituindo as melhores composições dessas fichas, motivo para publicação nos jornaizinhos escolares do estabelecimento.

Não tendo o estabelecimento mobiliário para sala de leitura e a própria biblioteca, sendo constituída de armários muito impróprios e de peças também que não servem bem

para seu fim, somos obrigadas a fazer a Hora de Leitura recreativa e instrutiva nas próprias salas de aula. Assim, emprestamos livros, revistas, jornaizinhos, etc., para a Hora de leitura em cada classe, sendo todos os empréstimos devidamente registrados.

Pelo gráfico anexo, podemos verificar o movimento ascendente de consultas de 1940 a 1946, inclusive.

Alugamos livros a Cr\$ 0,10 por semana para as crianças do estabelecimento; às crianças pobres, nada se cobra.

Sobre os resultados colhidos com a frequência à Biblioteca, por parte de nossos alunos, observamos o seguinte: no início, há sete anos, o interesse demonstrado pelos alunos era pequeno e foi aumentando gradativamente, conforme se verifica pelo número de consultas. Até classes de 1.º ano, com alunos muito pequenos, demonstram, atualmente, grande interesse pela retirada de livros e, apenas começam a ler, já se tornam fregueses da Biblioteca, procurando aqueles livros que estão de acordo com o seu adiantamento.

Observamos um desenvolvimento na mentalidade de nossos alunos que, no início do funcionamento da Biblioteca, só tinham capacidade para ler livros de histórias muito curtas, sendo incapazes de acompanhar o enredo de contos mais longos. Agora, já há alunos que retiram livros de maior fôlego, que assimilam muito bem, como o provam, por exemplo, as apreciações das fichas. Tudo isso denota o bom resultado que apresenta a biblioteca e a sua incontestável utilidade.

O público que retira livros, alugando-os a Cr\$ 0,50 por semana, os da Pedagogia, e a Cr\$ 0,20, os da Infantil, se interessa em geral, por obras de ficção, romances, etc. Esperamos que, aos poucos, elevando-se o nível de cultura geral, sejam as seções de Literatura e obras de divulgação mais procuradas.

Conseguimos, agora, mudar a biblioteca para uma sala maior, na qual foi instalada luz elétrica, o que nos permite, uma vez por semana, atender ao público das 19 às 21 horas.

Infelizmente, não contamos com auxílio algum oficial, a não ser os grandes benefícios que à biblioteca prestou e presta, o Instituto Nacional do Livro.

E-nos grato constatar os benefícios morais que auferem da nossa Biblioteca pessoas cujas posses não lhes permitem a compra de livros, havendo o caso de uma pessoa paralítica, cujas horas longas e tristes, numa cadeira, são amenizadas pela leitura e distração que lhe proporcionam nossos livros. Como se vê, o alcance social da obra é grande e salutar.

\*

Houve uma diferença grande entre o número de consultas de 1944 e 1945 e o de 1946. Foi isso devido a que, havendo sido instalado novo Grupo Escolar, nesta cidade, metade de nossos alunos, residentes no perímetro escolar do novo estabelecimento de ensino primário, para o mesmo se transferiram.

\*

Não queremos terminar, sem relatar um fato insignificante, mas que dá mostra do gosto das crianças pelos livros. Alguns alunos trazem suas moedinhas para pagarem o que devem por uma semana de aluguer de livros. Quando há trôco, muitas pedem à bibliotecária para lhes guardar a moedinha, com a qual alugarão, na semana seguinte, novo livro. Fazem isso, para não sucumbirem à tentação de gastar o dinheiro em guloseimas. Isso é tão comum que a bibliotecária arranjou fichas e cofre especialmente destinados a esses depósitos.

\*

O movimento de livros da nossa biblioteca se deve:

1.º — Ao benemérito Instituto Nacional do Livro que, de 13 de Setembro de 1940, data de remessa dos primeiros livros volumes até 3 de Julho do corrente ano, data da última remessa, nos enviou 462 volumes.

2.º — Ao ilustre historiador mineiro Revmo. Sr. Cônego Raimundo Otávio da Trindade, diretor do Museu da Inconfidência, desta cidade, o qual fez doação à nossa biblioteca de parte de seus escolhidos livros, num total de 235 volumes, alguns de grande valor.

Com a renda do aluguer de livros, pequenas vendas em benefício da biblioteca, festivais, quermesses, etc., temos feito aquisição de livros, de maneira a atender às necessidades didáticas do estabelecimento, ao gosto e à idade dos consulentes.

Assim é que, tem sido aos poucos aumentado o número de livros.

Temos, dêste modo, modesta e lentamente, procurado dotar a cidade, que já possuiu a sua Biblioteca Pública, fundada a 25 de Março de 1831 (vêde "Efemérides Mineiras") por iniciativa particular, e que apesar disso, foi transferida para Belo Horizonte, quando da sua mudança de Capital, de um meio de poder ler e elevar a cultura do povo, seguindo a brilhante orientação do Instituto Nacional do Livro e do Dr. Rubem Borba de Moraes, ilustre Diretor da Biblioteca Nacional, cujo programa é fundar em tôdas as capitais do Brasil bibliotecas públicas e que teve uma atuação brilhante na Diretoria da Biblioteca Municipal de São Paulo.

Na última reunião da Associação Brasileira de Educação, o Presidente da mesma, Dr. Artur Moses, teve entusiásticas palavras em relação ao trabalho desenvolvido, em apenas um ano e meio, pelo Dr. Rubem Borba de Moraes, na Biblioteca Nacional, a favor de bibliotecas infantis, salas de leitura, etc.

Portanto, trabalhamos a par com brilhantes elementos que procuram melhorar o ambiente do Brasil, tão empestado de tantos males, tão ameaçado e que, se abandonado a si mesmo e aos elementos dissolvedores de energia nacional, só terá que perecer como indigno de figurar entre as nações vivas e que têm a felicidade de ter filhos e não apenas sugadores venais da Pátria.

## PAULINHO E TEIMOSO, E O GATO DE BOTAS

### *Apreciação*

O livro que eu li, contém duas histórias: Paulinho é teimoso e o Gato de botas.

Gostei de ambas, mas achei mais engraçada O gato de botas.

Na primeira história, há um menino teimoso, chamado Paulo. Pela sua teimosia e malcriação, é castigado pela professora, pelo pai e também pelo Papai Noel que não lhe trouxe nada naquela linda e estrelada noite de Natal.

A outra história, conta-nos o autor, que um velho mortera e deixara para os seus três filhos, três cousas: um moínho, um burro e um gato, dizendo que dividissem como quisessem. Tiraram a sorte, para ver o que tocava para cada um; coube ao mais velho o moínho; ao do meio coube o burro e ao mais moço, coube o gato. Este resolveu sair pelo mundo para ganhar a vida, levando o gato. O gato era muito esperto e com a sua grande astúcia, usando sempre um par de botas, conseguiu riqueza e nobreza para o seu amo, que tornou-se o poderoso Marquês de Carabás, casando com uma linda princesa. O gato de botas ficou sendo um grande senhor, não precisando mais de caçar ratos, assim termina a história.

Nome do livro — Paulinho é Teimoso.

Autor — Mário Cordeiro.

Número de páginas — 45.

Número do livro — 442.

Ouro Preto, 5 de maio de 1947.

Grupo Escolar "D. Pedro II" — Cláudio Alberto Almeida de Magalhães Gomes.

Professora — D. Anita de Araujo — 4.º ano.

\*

Nome do livro — Sta. Bernadete.

Autor — Pe. Ascânio Brandão.

N.º de páginas 86.

N.º do livro — 77.

## Apreciação

"Sta. Bernadete" foi o nome do livro que tirei na Biblioteca Infantil do Grupo Escolar "D. Pedro II, desta cidade.

É um livro religioso, de leitura de crianças e adultos.

Conta a história de Bernadete, uma pobre e pequena pastorinha da França, um país muito longe do nosso, que muito sofreu, mas também que foi muito amada por Nossa Senhora.

Lí com emoção as narrativas das aparições de Nossa Senhora a Bernadete, principalmente quando brotou a água miraculosa. Quase chorei com os sofrimentos da pastorinha, quando era considerada uma inventadeira. Invejei seu fim tão sereno, no Colégio e sua glória atual.

Sinto não poder conhecer hoje a bellissima basilica e a gruta onde acontecem milagres assombrosos.

Ao terminar, comovida, sua última página desejei ser boa e pura como Bernadete e possuir sua fé tão forte e inabalável.

As pessoas que não acreditam em Deus deviam ler este livro que conta uma história verdadeira de fé e de esperança.

Nome — Rosa de Lima Barbosa Leite.

Data — Ouro Preto, 10 de maio de 1947.

Professora — D. Anita de Araujo.

Ano do curso — 4.º primário.

## PROGRAMA EM EXPERIENCIA (\*)

(1.º ANO)

## INTRODUÇÃO

*É o processo educativo compreendido em seus elementos fundamentais — de um lado, a criança, ser imaturo, preso ao seu mundo físico e afetivo, indiferente ao que não tem relação com a sua vida, e, do outro, a experiência adulta, condensada em fatos, princípios e leis, visando a alcançar certos valores sociais, morais e cívicos — que demarca o traçado do programa escolar e, ao mesmo tempo, ressalta a complexidade dos problemas que o envolvem.*

*Realmente, conhecer a criança em seu meio, compreender as fases da sua evolução, interpretar as experiências que já possui, os motivos e interesses que a animam nos diferentes ciclos da idade; depois, encarar os fatos a serem estudados em seu aspecto embrionário, dinâmico e vital, na delimitação e gradação das dificuldades, e, ainda, em consonância com as exigências da vida, são questões que demandam estudos sistematizados, pesquisas e experimentações contínuas.*

*Há quem pense: a imaturidade do espirito infantil ou*

NOTA DA REDAÇÃO: — A edição relativamente pequena que se fez, há 8 anos, do "PROGRAMA EM EXPERIENCIA" há muito que está inteiramente esgotada. Todos os dias chegam à Secretaria da Educação dezenas de pedidos, e certamente será tirada nova edição da obra. — Entretanto, como medida de emergência, e com propósito de prestar um serviço valioso ao professorado e ao nosso aparelhamento educacional, "REVISTA DO ENSINO" inicia neste número a publicação do programa do Ensino Primário em Minas Gerais, pretendendo continua-la nas 4 próximas edições.

A Secretaria da Educação continua recebendo sugestões por ela solicitadas no sentido de introduzir modificações aconselháveis nesse mesmo programa, de modo a poder adaptá-lo às necessidades atuais, de acôrdo com a melhor prática legitimada pela experiência de nossos educadores.

a superficialidade da sua experiência deve ser amadurecida ou aprofundada pela imposição da escola, a quem cumpre revelar à criança conhecimentos vastos e complexos, mesmo que não se coadunem com a dinâmica e a força dos seus interesses e experiências. Daí os programas enciclopédicos cujos fatos o educando deve aprender, ainda que não os possa compreender. Daí os insucessos escolares verso insucesso da cultura nacional.

A Secretaria da Educação, sentindo a necessidade de um programa que melhor atendesse às imposições do processo educativo, constituiu comissões de marcado valor pedagógico, encarregando-as de o elaborar.

Sem perder de vista as possibilidades do aluno, procurou-se conciliar as condições escolares atuais — composição média das classes, extensão do curso, duração do ano letivo e do dia escolar com a significação social dos conhecimentos, hábitos, atitudes e ideais que à escola cabe desenvolver.

E' assim que matérias afins, como Noções de Cousas, Ciências Naturais e Higiene, que nos programas vigentes foram consideradas em separado, nos atuais constituem uma unidade de estudos reduzidos ao essencial, de modo a não comprometer as finalidades dos mesmos na escola primária.

Procurou-se, também, para atender às condições naturais do desenvolvimento da criança, evitar a sobrecarga de matérias que não se harmonizassem com as fases dos seus interesses, razão por que certos assuntos foram deixados para mais tarde, outros substituídos e outros eliminados do programa.

O estudo dos fatos geográficos, por exemplo, cuja compreensão requer certa visão social que a criança do primeiro ano, presa ainda ao seu meio familiar, não possui, passou a ser iniciado no segundo.

Com estas modificações, o trabalho escolar do primeiro ano ficou bastante aliviado. No seu horário semanal devia dar-se atenção às aulas de Língua Pátria, Aritmética,

Geografia, Ciências Naturais, Noções de Cousas, Higiene, Instrução Moral, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto e Exercícios Físicos.

Revela acentuar que a medida aplicada ao primeiro ano era necessária. Haja vista a percentagem elevada de crianças que o repetem uma, duas, três e até quatro vezes, resultando desta verdadeira estagnação escolar ser-lhes impossível chegarem ao término do curso primário.

Na organização do currículo escolar, encarado sob este duplo aspecto — técnico e político, e sem se perder de vista o princípio básico da educação — "não contrariar a evolução natural, antes favorecê-la", procurou-se:

a) — seriar as dificuldades, iniciando o estudo de cada matéria pelos assuntos mais acessíveis à compreensão da criança, mais próximas de sua experiência;

b) — correlacionar os assuntos em estudo nas diversas matérias do programa (Geografia — História — Ciências Naturais — Educação Moral e Cívica, etc.);

c) — fracionar certos estudos em períodos, o que talvez facilite o trabalho didático, pela dosagem racional do tempo necessário à apresentação e assimilação dos fatos e também dosagem da matéria cuja aprendizagem se deve verificar.

Procurou-se, ainda, ordenando, de maneira clara e precisa, os diferentes aspectos da experiência coletiva em um programa realizável, sugerir algumas atividades que poderão ser desenvolvidas e adaptadas ao meio escolar, às necessidades, aptidões e capacidades dos educandos. Todavia, fê-lo sem visar a tolher a autonomia e iniciativa didáticas do professor e, sim, dar às escolas estrutura comum, no sentido de conciliar seus resultados com as exigências sociais.

A divisão da matéria de determinadas disciplinas em períodos foi adotada com o objetivo de favorecer a verificação do programa, sob o ponto de vista quantitativo, e, destarte, assegurar-se da sua exeqüibilidade, relativamente à extensão. Ocorre, entretanto, explicar que, na realização do seu trabalho, o professor não deve prender-se demasiadamente aos períodos. Muitas vezes, terá que passar a assun-

tos que estão em período diferente daquele que decorre, a fim de não perder a oportunidade para tratar de fatos atuais. Pode também acontecer que a matéria seja esgotada antes de terminado o período ou, ao contrário, não se consiga realizar tudo no espaço determinado. Em todos estes casos, é a necessidade da classe, o desenvolvimento dos educandos, que devem constituir motivos de preocupação do professor na execução do programa.

Evidentemente, a preocupação do administrador, quando lança um programa de trabalho, é que este seja executado na íntegra. Em se tratando, porém, da educação, processo de complexidade extrema, o melhor partido será experimentar, medir, para depois ajustar os interesses e possibilidades naturais do educando com o interesse político-social.

Eis por que a administração do ensino público em Minas julgou mais acertado promover uma experimentação em torno de assuntos que lhe parecem indispensáveis à cultura elementar do cidadão brasileiro. E só aqueles de comprovado valor educativo e de perfeita exequibilidade, relativamente à situação escolar atual, passarão a ser considerados partes integrantes do programa destinado à escola primária.

Em este caráter — Programa em experiência — que os presentes programas são entregue às professoras mineiras. A colaboração e a assistência interessada dos que vão realizá-lo de muito servirão para que seja melhorado. Revisto, à luz das observações relatadas pelos que o aplicarem, será, por certo, peça de valor no desenvolvimento da educação primária.

## Língua Pátria

### Linguagem oral

— Enriquecer e dilatar a experiência sobre as coisas e relações de seu meio através de atividades vivas e interes-

santes com animais, plantas, etc. e através de histórias e de poesias, gravuras, etc.

— Desenvolver a linguagem espontânea e desembaraçada e a boa pronúncia através de oportunidade em que se leva à criança a falar, como: conversa, hora de histórias, dramatizações, palestras, gravuras, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das experiências novas que adquire, principalmente em atividades correlatas com as Ciências Naturais.

— Corrigir os erros mais frequentes e mais graves.

### Leitura

— Desenvolver um grande interesse pela leitura.

— Formar na criança a atitude de que ler é interpretar.

— Dar a capacidade de ler passagens simples, inteligente e correntemente.

### Composição

— Desenvolver a capacidade de escrever cartas simples, bilhetes e avisos, com poucos fatos e com motivo real.

— Formar a capacidade de escrever uma história curta e com boa seqüência lógica.

— Dar a noção da sentença e o uso do ponto final e da interrogação, no fim da sentença.

### Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras formadas de sons simples e grupos consoantes de *lh*, *nh* e *ch*;

— Treinar a ortografia das formas verbais usuais na linguagem, como infinitos, particípio presente, passado, quando escrevem sob o ditado e nas composições.

— Treinar a divisão das palavras que escrevem.

— Desenvolver a articulação e a boa pronúncia das palavras, para evitar erros.

*Escrita*

- Dar uma boa posição habitual.
- Desenvolver a coordenação motora e estabelecer liberdade de movimento.
- Treinar a boa formação das letras, o bom alinhamento das palavras.
- Formar bons hábitos de escrita a lápis.

## INSTRUÇÕES PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

*Linguagem Oral*

Uma boa linguagem é, para o homem, um dos maiores instrumentos de êxito na vida.

Havendo entre o pensamento e a linguagem a mais íntima relação, torna-se necessário desenvolver o pensamento para desenvolver-se a linguagem.

Como, porém, desenvolver-se o pensamento?

O pensamento desenvolve-se através das experiências comuns da vida, e, na escola primária, quer através dessas experiências comuns, quer através de processos próprios.

Tudo o que diz respeito ao pensamento, por isso, diz respeito à linguagem, e não é possível separ-se o aprendizado da linguagem do das demais matérias e atividades.

Por sua vez, o apuro da linguagem influe na boa formação do pensamento, pois nós pensamos, geralmente, com palavras, e tanto mais preciso será o pensamento quanto mais próprios os termos com que o formamos e traduzimos.

Daí estas conclusões, geralmente aceitas e fáceis de realizar no ensino primário, porque a classe é confiada a um só professor:

- a) o ensino da linguagem faz-se não só nas aulas próprias linguagem, mas através de todas as matérias e em todas as atividades;
- b) o professor deve velar, rigorosamente, para que os alunos usem de linguagem correta e própria;

c) a linguagem é aprendida por imitação, tornando-se se, por isso, necessário que a linguagem do professor sirva de um bom modelo.

Como todas as habilidades de uso constante, as habilidades da linguagem devem ser quanto possível automatizadas, de forma que, pensando bem, as crianças exprimam sem esforço e corretamente o pensamento.

Não se deve gastar tanta energia na procura de forma quanto se gasta na formação do pensamento, como em aritmética se procura que as crianças, ao invés de  $2 + 2 =$ , não façam a operação, mas de pronto, e automaticamente, vejam 4.

Esse automatismo prende-se à formação do hábito, entre cujas leis está a de que o hábito deve ser formado nas mesmas condições em que se pratica na vida real. Não se deve, por exemplo, aprender a tocar piano tocando-se órgão. Ora, em que condições se usa da linguagem na vida real? Pois é em tais condições que se desenvolvem as atividades da linguagem.

As crianças devem conversar, discutir, monologar, contar com os mesmos estímulos e com os mesmos interesses com que agem na vida, não só porque êsse é o processo natural do aprendizado, mas também porque é para a vida que se preparam.

*Fevereiro e março*

## Atividades:

## 1.º — Conversa.

A conversa deve ser sempre dirigida por algum motivo real e claro, como organização de um plano de trabalho, esclarecimento ou troca de experiência, de interesse comum, etc.

A conversa deve partir da criança para a professora, e não o contrário.

Sugestões:

- a) conversa sobre alguma experiência interessante;
- b) sobre o fato do dia;
- c) sobre o plano de atividades do dia ou da semana;
- d) sobre quaisquer atividades coletivas, etc.

2.º — Histórias contadas pela Professora

As histórias são grandemente educativas. Elas desenvolvem o poder de observação, treinam a memória, exercitem a inteligência e a lógica, desenvolvem o poder de imaginação e de emoção e intensificam e estendem as relações sociais da criança. Para o ensino da língua, particularmente, elas enriquecem a experiência, desenvolvem a seqüência lógica dos fatos, dando um sentido de ordem, e esclarecem o pensamento, fixam e ampliam o vocabulário da criança, dão formas e expressões à linguagem infantil.

Para a educação moral, ajudam a formar o caráter, dando à criança o hábito de buscar sempre as conseqüências dos fatos.

A maneira da apresentação influe em alguns valores que delas se possam tirar. É o motivo por que as boas histórias devem ser lidas e contadas pela professora às crianças, e por estas dramatizadas e lidas. Cada uma dessas maneiras contribuirá com os seus valores específicos, concorrendo, em geral, para o desenvolvimento mais completo da criança.

Nas histórias contadas às crianças, a professora deve:

- a) contá-las com expressão;
- b) conversar sobre elas, sondando a apreciação das crianças;
- c) fazer desenhar partes dela, para aumentar a compreensão da experiência e dos fatos que envolve;
- c) conversar sobre os desenhos, deduzindo, através do comentário, os meios de aperfeiçoá-los;
- d) conversar sobre os desenhos, deduzindo, através do quadro negro.

Sugestões de histórias para serem contadas:

“Os três porquinhos”; “D. Baratinha”; “Os três ursos da floresta”; “Chapeuzinho Vermelho”, versão de Grimm; “Os músicos de Bremen”, versão de Grimm; “Joãozinho e Maria”; “O Pequeno Polegar”; “Branca de Neve”; “A Gata Borralleira”, de Perrault; “Rapunzen”, dos “Novos Contos de Andersen”.

NOTA: — As histórias têm várias versões. A professora deve conhecer todas e escolher a mais adequada ao grupo de crianças a que se destina.

Como nem todas as histórias foram escritas especialmente para crianças e como outras não satisfazem integralmente ao objetivo da professora, com relação à criança, todas as histórias devem ser adaptadas, antes de sua aplicação.

3.º — Gravuras.

As gravuras não são todas iguais quanto à maneira de apresentar os fatos.

umas apresentam o fato completo e acabado — são as de sentido completo.

Outras apresentam uma parte do fato, deixando o resto à imaginação da criança.

Outras há que não contam fatos, mas apresentam paisagens, coisas e retratos.

O conteúdo de uma gravura é o que determina a sua aplicação.

As de sentido completo prestam-se para a leitura. Ler uma gravura consiste em coordenar e relacionar todos os seus elementos num só sentido. Por isso, ela deve ser lida de uma única maneira por todas as crianças. A sua finalidade é desenvolver, especialmente, a lógica da criança.

A gravura de sentido incompleto desenvolve a lógica e a imaginação, especialmente.

A finalidade das gravuras que não contam fatos propriamente, é a de ilustrar as aulas de Ciências, de Geografia, de História do Brasil, como também, de enriquecer a experiência da criança.

Essa atividade deve ser desenvolvida da maneira seguinte:

a) apresentar uma gravura sugestiva que contenha um fato completo;

b) ler a gravura apresentada no quadro;

c) ler gravuras de livros.

Sugestões para livros de gravuras nesse período:

"Os amigos de Nenê", Genoud; "Nossos bons amiguinhos, os cachorrinhos"; "Os preferidos de nenê", Genoud; "Histórias dos seis coelhinhos", etc.

4.º — Excursão indicada pelo interesse da classe:

O programa contém poucas atividades cujo valor se possa comparar com o da excursão.

A criança precisa ter um fundo de experiências vividas com o seu próprio organismo, isto é, com os próprios sentidos, para servir de base às transmitidas pelos livros e pela classe. E a excursão é a atividade que mais favorece a esse tipo de experiência.

Ela não só enriquece como aprofunda, dilata, amplia e corrige a experiência da criança.

Deve ser desenvolvida da maneira seguinte:

a) conversa sobre o motivo, local e assunto da excursão, visando ainda a verificar noções e conhecimentos que as crianças já possuem;

b) discussão do plano de excursão; o que vão ver; o que desejam saber e aprender;

c) estudo de aspectos principais da excursão para despertar a curiosidade, dar experiência e provocar o pensamento;

d) observação e explicação no local;

e) conversa sobre os pontos mais interessantes;

f) desenho, representação no taboleiro de areia, em argila ou cartolina, do que foi visto.

5.º — Dramatização de uma história:

A dramatização é uma atividade simples. Faz parte da atividade infantil. A cada momento a criança dramatiza e, de manhã à tarde, ela repete e revive a atividade dos que a cercam.

A dramatização em aula deve ser assim simples e espontânea, nunca decorada.

Dramatizar uma história é brincar a história.

Além dos seus inúmeros valores educativos para a linguagem, a dramatização contribui com um contingente de valores dificilmente conquistados em outras atividades. Ela desenvolve a espontaneidade e simplicidade da linguagem, a lógica; enriquece e firma o vocabulário; corrige a articulação e pronúncia das palavras; dá ensejo ao treino das formas verbais nos vários tratamentos, etc.

Uma boa dramatização deve implicar os seguintes pontos:

a) conversa sobre a atividade;

b) contar a história (a professora);

c) reprodução da história por uma criança ou por várias, para verificar se está bem sabida;

d) escolha das personagens para a dramatização, através das sugestões das próprias crianças;

e) ensaio de dramatização parcial da história;

f) conversa sobre o ambiente da dramatização e sobre a escolha das crianças que devem organizá-la;

g) discussão da caracterização ao alcance da classe;

h) apreciação e crítica da dramatização pelas crianças.

(Salientar as personagens que se expressaram melhor. Sugerir maneiras de melhorar).

Nota: Este plano é, geralmente, desenvolvido em vários dias.

História para este período: tipo, "D. Baratinha".

6.º — Poesia.

A decoração de poesias não deve ser imposta. A professora leva naturalmente a criança à apreciação da poesia e a estimula a decorar algumas, de maior interesse.

Ler e fazer decorar pequenas poesias, do tipo de "Setim" de Zalina Rolim.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Atividades:

- 1.ª — Conversa.
- 2.ª — Histórias contadas pela professora:
  - a) organização da "Hora de Histórias";
  - b) conversa sobre o que deve ser essa hora, programa, horário, etc.

Nota: Neste período as histórias são contadas pela professora.

Sugestões de Histórias:

"A Bela adormecida no bosque", "O menino da mata e o seu Piloto"; "Os anões e o alfaiate"; "Chapéuzinho Vermelho"; "Rosa Branca e Rosa Vermelha"; "Margaridinha e o Veadão"; "O ganso dourado"; "As duas fadas"; "Joãozinho e Maria".

Nota: A repetição das histórias tem por fim fazer a criança aprender melhor a experiência e os fatos.

- 3.ª — Gravuras:
  - a) apresentar gravuras que contenham um fato completo;
  - b) colecionar gravuras sobre Tiradentes, sobre o descobrimento do Brasil e sobre a escravidão, ou mostrá-las nos livros;
  - c) conversar sobre o conteúdo dessas gravuras, nos dias próprios;
  - d) leituras de histórias mudas.

As gravuras podem ser recortadas das revistas infantis, de suplementos, ou aproveitadas de livros, como:

"Fundo de saco", de Benjamim Rabier"; "Escutem", de Benjamim Rabier"; "Filmes", de Hellé.

- 4.ª — Excursão — indicada pelo interesse da classe.
- 5.ª — Dramatização.

Sugestão:

"Os três porquinhos".

- 6.ª — Poesia.

Ler e fazer decorar poesias.

Sugestão:

"O ninho do Tico-Tico", de Zalina Rolim; "Xô, passarinho", de Zalina Rolim, e outras desse tipo.

7.ª — Histórias lidas pela professora.

- a) ler uma história curta e mostrar as gravuras;
- b) conversas sobre a história, medindo a compreensão e a apreciação das crianças.

Sugestões:

"Pituchinha", de Marieta Leite; "Bonequinha Preta e Bonequinho Doce", de Alaide Lisboa de Oliveira.

Outras atividades:

Devem ser aproveitadas as oportunidades dos aniversários das crianças para organização de pequenos programas dedicados ao aniversariante. São situações naturais para desenvolver a linguagem e dar motivos para a criança falar.

Os programas podem constar de:

- a) uma história inventada especialmente para o aniversariante;
- b) poesias recitadas;
- c) repetição de uma dramatização realizada;
- d) votos expressos espontaneamente e em poucas sentenças por várias crianças;
- e) agradecimento do aniversariante, etc.

Programa para os dias festivos, como dia de São João, de São Pedro ou de Santo Antônio, etc.

Estas comemorações têm a grande vantagem de trazer a vida para dentro da escola. Bem aproveitadas, são excelentes oportunidades para o desenvolvimento da linguagem, fazendo-se:

- a) comentários e conversa sobre a comemoração assis-tida ou a realizar-se;
- b) poesias dentro do assunto;
- c) histórias e lendas que se prendam à data, etc.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

## Atividades:

Nos dias próximos às datas cívicas de 7 e 21 de setembro todas as atividades devem ser associadas ao assunto da comemoração.

1.º) Conversa;

2.º) Histórias contadas pela professora;

Sugestão para a "Hora de Histórias":

"Os músicos de Bremen"; "O príncipe Sapó"; "O alfaiate valentão"; "O menino da mata e o seu cão Piloto"; "Os doze cisnes selvagens"; "O pequeno polegar"; "Riquete Topetudo"; "O isqueiro encantado".

3.º — Gravuras:

a) apresentar gravuras que contenham um fato incompleto;

b) estimular a classe para que cada criança complete a história da gravura de uma maneira;

c) escrever no quadro a história mais bonita;

d) estimular as crianças a completarem a história da gravura;

e) expor os desenhos mais bonitos;

f) apresentar gravuras que contenham um fato completo;

g) ler histórias mudas;

4.º) excursão de acordo com o programa de ciências naturais;

5.º) Dramatização — Tipo "Os três ursos";

6.º) Poesias — Ler e fazer decorar pequenas poesias, a exemplo de "A Boneca", de Olavo Bilac;

7.º) Histórias lidas pela professora — Ler as histórias mais interessantes do livro de "Histórias para pequeninos" de Francisco Viana, e, outras do mesmo gênero.

OUTUBRO E NOVEMBRO

1.º — Conversa.

2.º — Histórias contadas pela professora.

Sugestão para a "Hora de Histórias":

"Branca de Neve"; "A gata borralheira"; "Margaridinha e o veado"; "O velocino de ouro"; "A bela adormecida no bosque"; "O gato de botas"; "Os doze cisnes selvagens"; "A galinha branca"; "Rapunzel".

3.º — Gravuras:

a) estimular as crianças para trazerem gravuras de revistas e suplementos que irão colocando num canto do quadro-negro;

b) uma vez por semana, agrupar as gravuras de acordo com o conteúdo e conversar sobre elas;

c) apresentar gravuras associadas ao descobrimento da América, vida de D. Pedro II, da Princesa Isabel, do Duque de Caxias, etc.;

d) conversar sobre o conteúdo dessas gravuras.

NOTA: — As outras atividades de gravura dos períodos anteriores devem ser mantidas simultaneamente.

4) Excursão — Indicada pela necessidade da classe, de acordo com o programa de ciências.

5) Dramatização — Tipo da história: "Pituchinha", de Mariêta Leite.

6) Poesia — Ler e fazer decorar poesias. Exemplo: "O remédio", de Olavo Bilac.

7) Histórias lidas pela professora — Ler cada dia uma parte do livro "Pinóquio", de Collodi, até o final.

Resultados — No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1.º) Compreendem e respondem adequadamente às perguntas de adultos e de outras crianças.

2.º) Dão pequenos recados.

3.º) Falam em bom timbre de voz e cada um por sua vez.

4.º) Possuem uma experiência vivida, relativamente à casa, à comunidade, às plantas, aos animais, etc.;

5.º) Interpretam e lêem gravuras sobre experiências que se relacionam com a sua vida.

- 6.º) Têm boa articulação e boa pronúncia do vocabulário corrente.
- 7.º) Sabem recitar cinco poesias, no mínimo.
- 8.º) Conhecem e apreciam vinte histórias do nosso folclore.

### LEITURA

O professor deve ter sempre em vista algumas diretrizes para o ensino da leitura através da escola primária. Em primeiro lugar, conhecer a natureza da leitura, para orientar-se de acôrdo com ela. É um processo difícil e complexo. Na leitura concorrem dois processos de naturezas diferentes: um processo mecânico e um processo mental. O processo mecânico é muito mais fácil de ser adquirido do que o mental. Daí, os casos tão freqüentes, nos meios escolares, de crianças que aparentemente lêem, mas que, na realidade, não lêem, porque não interpretam. A primeira preocupação do professor, em todos os anos, desde o início, deve consistir em verificar o processo mental através do processo mecânico.

Em segundo lugar, não pensar o professor que vai ensinar a ler em um ou dois anos. Deve haver muita continuidade no processo de ensino do primeiro ao quarto ano. É nos anos superiores que notamos a deficiência do ensino nos primeiros.

Em terceiro lugar, deve ser lembrado que a leitura é ensinada na escola, porque ela é instrumento indispensável para a luta pela vida. E esse instrumento não se forma, enquanto a criança não tiver um profundo interesse para leitura e "motivos imperiosos" que a obriguem a ler.

\*

Há um segredo no ensino da leitura que, uma vez praticado, levará infalivelmente a classe mais numerosa ao êxito. É o interesse pela leitura, manifestado na vontade de aprender a ler. Ele é suficiente para fazer a criança aprender por si mesma.

No primeiro ano este programa se desenvolve em três fases, bem distintas: a primeira, a fase de leitura em fichas ou no quadro; a segunda, a fase da leitura no livro; a terceira, a fase da leitura ampla e variada.

FEVEREIRO, MARÇO, ABRIL, MAIO E JUNHO

(FASE DA LEITURA EM FICHAS OU NO QUADRO)

É a fase mais importante do aprendizado da leitura, porque ela estabelece as bases para as demais.

Desde o início deve formar-se o hábito de associar sentido a todas as palavras lidas e, igualmente, fazer a criança pensar no que lê. Para isso, é indispensável que esse primeiro material seja muito interessante e fundamentalmente artístico. Deve estar rigorosamente dentro das formas de linguagem das crianças: — o vocabulário deve ser o familiar, o quotidiano; a estrutura das sentenças simples e as partes do discurso sempre claras.

A facilidade de fixar palavras e de ler inteligentemente em unidades de pensamento depende, quase que exclusivamente, desses elementos.

A leitura deve associar-se, naturalmente, a todas as matérias do programa. Essa correlação familiariza a criança com os símbolos e esse contacto incidental com palavras leva a criança facilmente a reconhecer sílabas e letras, por si mesma.

Como a atenção das crianças é muito curta, nesta fase, é preferível que haja muitos períodos de leitura, embora curtos, em vez de um ou dois longos. A duração da aula deve ser controlada pelo interesse das crianças. No momento em que o professor sentir que o interesse vai declinando, deve mudar de atividade ou, então, de aula.

Geralmente, os alunos de primeiro ano perdem muito tempo nas aulas de leitura, principalmente nessa fase. Muito lucraria o professor que adquirisse o hábito de trabalhar com pequenos grupos de crianças, enquanto as outras se ocupassem em atividades que pudessem ser controladas. Enquanto se toma lição de um grupo grande, não se pode esperar que todas acompanhem a lição ou participem dela. E esperar demais da atenção delas. Um material suplementar abundante

dante, embora simples, pode mantê-las bem ativas, durante todos os minutos destinados à leitura, e o resultado será muitas vezes maior.

Qualquer que seja o método adotado, deve ter-se muita cautela para não formar, nesta fase, os chamados "letores de palavras".

Esta primeira fase da leitura em fichas ou no quadro-negro absorve quase todo o primeiro semestre. O verdadeiro seria o professor seguir o método global de contos ou de sentençação, mas, no caso de seguir outro método, deve estar bem certo de que as crianças atingiram, no fim do primeiro semestre, os seguintes pontos:

- 1.º) devem ter formado a atitude para com a leitura do que ler, e extrair sentido da página impressa;
- 2.º) devem ter desenvolvido um grande interesse pelas atividades de leitura;
- 3.º) devem ler a sentença em unidades de pensamento;
- 4.º) devem reconhecer, rapidamente, no mínimo, 100 palavras do seu vocabulário corrente;
- 5.º) devem ter adquirido a habilidade de atacar palavras novas;
- 6.º) devem ter formado o hábito de associar sentido a todas as palavras lidas.

Atividades:

- a) Exercício intenso, variado e interessante sobre as principais fases do método adotado;
- b) atividades suplementares: jogos e exercícios vários para manter a criança ativamente ocupada durante todos os minutos destinados à leitura.

- 1.º) Combinar palavras com gravuras e gravuras com palavras;
- 2.º) separar palavras conhecidas de desconhecidas;
- 3.º) jogos diversos de palavras cruzadas;
- 4.º) exercícios de compôr palavras, compôr sentenças e compôr histórias, com fichas estudadas, etc.
- c) Oportunidades abundantes para leitura ligada a outras atividades da classe.

- 1.º) Substituir ordens e avisos orais, por escrito, para que a criança os leia silenciosamente;
- 2.º) ensinar o nome de outras crianças da classe;
- 3.º) organizar o jornal — escrever diariamente num canto do quadro-negro duas a três experiências de grande interesse para a classe;
- 4.º) encarregar as crianças da organização diária do calendário com fichas do dia da semana, data e nome do mês e o ano;
- 5.º) fazer interpretar gravuras com sentenças sugestivas.

d) Exercícios orais para treinar a percepção auditiva da criança, como base aos exercícios de composição e decomposição da palavra:

- 1.º) usar rimas, exemplo:

Marcha, soldado;  
cabeça de papel.  
Quem não marchar direito  
vai preso para o quartel.

- 2.º) dizer várias palavras começadas pelo mesmo som e mandar que digam qual a parte comum das várias palavras;
- 3.º) fazer exercícios da mesma espécie com o som comum, ora no meio, ora no fim.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

(SEGUNDA FASE DA LEITURA)

*Leitura no Livro*

- A) Introdução do livro:
  - a) treinar a criança na maneira correta de abrir o livro e virar as páginas;
  - b) deixar a criança folhear o livro para acostumar-se com o nome, com os títulos das lições, com as gravuras, com as histórias conhecidas, etc.;
  - c) fazer ler as gravuras para apanharem o conteúdo da lição;
  - d) fazer verificar a numeração das páginas.

B) Atividades que preparem a criança para ler inteligentemente e correntemente no livro:

- 1.º — a) ler a história para as crianças ouvirem;
  - b) fazer dramatizar a história;
  - c) retirar da história sentenças, palavras e grupos de palavras mais difíceis, e fazer com elas exercícios de leitura no quadro ou em fichas;
  - d) mandar as crianças abrir o livro nessa história e ler as gravuras;
  - e) mandar ler a história em unidades de pensamento; isto é, ler por agrupamento natural de sentido e não palavra por palavra;
  - f) pedir que as crianças leiam a sentença que diz isto ou aquilo, ao invés de mandar, mecanicamente: "adiante", "bastante", etc. Deixar a criança parar, por si mesma, logo que tenha acabado de ler o que se lhe pediu;
  - g) retirar palavras da lição, escrevê-las em fichas e fazer com elas exercícios de exposição rápida, para aumentar a rapidez de reconhecimento;
  - h) fazer o mesmo exercício com grupos de palavras e com sentenças.
- 2.º) Fazer leitura dramatizada para desenvolver naturalidade e expressão. Essa leitura consiste em fazer cada criança ler as palavras de determinado personagem, numa história dialogada.
- 3.º) Exercícios para desenvolver a rapidez da leitura;
- a) começar uma sentença e pedir que as crianças a procurem no livro e terminem;
  - b) ler uma sentença e mandar que as crianças a procurem para ver quem a acha primeiro.
  - c) Manter, simultaneamente, com as atividades próprias deste período, as do período anterior. Treino contínuo do reconhecimento de palavras e de grupos de palavras com cartões relâmpagos.
- Outras atividades com o livro adotado:

- 1.º) ler silenciosamente uma história e desenhar-lhe algumas cenas;
- 2.º) ler silenciosamente para indicar as sentenças que respondem às perguntas;
- 3.º) ler silenciosamente para verificar se a história pode ser dramatizada;
- 4.º) ler para indicar o trecho mais bonito, etc.

NOTA — O professor deve observar, quanto possível, as diferenças individuais de sua classe, que são maiores, agora, do que em qualquer outro período de leitura. Por isso, o material deve ser o mais variado, interessante e de várias forças. Nesse período cada criança deve, no mínimo, ler três livros.

## OUTUBRO E NOVEMBRO

(TERCEIRA FASE DA LEITURA)

### *Leitura ampla e independente*

E o período mais rico de leitura do primeiro ano. As atividades dos dois primeiros períodos devem ser mantidas.

#### A) *Leitura oral:*

Neste último trimestre, o professor deve ter a preocupação de conduzir a leitura em situações próprias, isto é, fazer a criança ler uma coisa interessante para um auditório interessado. Cada criança escolhe uma história, estuda-a bem e lê o trecho mais bonito para a classe. O resto da história pode ser contado oralmente. Todos discutirão, em seguida, o valor da seleção e as qualidades da leitura. Através dessa discussão, vão-se estabelecendo as normas de leitura para a classe.

#### B) *Leitura silenciosa:*

A leitura silenciosa deve desenvolver-se através de motivos variados. O professor deve verificar a vocalização e o movimento de lábios.

C) *Leitura independente, na mesa da biblioteca e em casa, para informação ou prazer:*

Uma vez por semana, reunir as crianças e conversar relativamente aos livros e histórias que têm lido, para despertar o interesse pela leitura de bons livros e estimular a leitura freqüente.

D) Manter as atividades do período anterior. Treino diário de reconhecimento rápido de palavras e de grupos de palavras com cartões relâmpagos.

No fim deste trimestre as crianças devem ter lido, no mínimo, três livros.

No fim do primeiro ano devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- a) têm um grande interesse pela leitura;
- b) absorvem-se na leitura;
- c) lêem silenciosamente sem movimento de lábios;
- d) lêem alto em unidades de pensamento;
- e) respondem e fazem perguntas sobre o conteúdo;
- f) sabem abrir o livro, conhecem a ordem das páginas e sabem usar o índice.

#### *Sugestões para a leitura no primeiro ano:*

"Pituchinha", Marieta Leite; "Bonequinha Preta e Bonequinho Doce", de Alaide Lisboa de Oliveira; "Cartilha Analítica", de Arnaldo Barreto; "Cartilha", Proença; "Leitura Principiante", de Erasmo Braga; "Leitura Intermediária", de Proença; "Cartilha do Bebê", de Narbal e Ofélia; "O Livro de Lili", de Anita Fonseca.

#### COMPOSIÇÃO

A composição aprende-se através do exercício, e daí dizer-se que a criança aprende a escrever, escrevendo. De fato, essa é a primeira condição, como também é o grande obstáculo da realização de um programa de composição. Em classes numerosas, com cinquenta ou mais composições para serem corrigidas diariamente, tal realização é quase impossível.

Mas é preciso que elas sejam diárias. Como, então, resolver o problema? E' a lei do exercício que vai resolvê-lo.

Em primeiro lugar, o que é essencial na composição é o desenvolvimento geral da idéia, a sua riqueza em colorido e a sua variedade. E o treino mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino na correção das formas gramaticais, mas, sim, o treino no desenvolvimento e na organização das idéias, na clareza da exposição, etc. Esse treino depende do enriquecimento das experiências, das leituras feitas, do tema e da maneira de o professor apresentá-los, das outras matérias e, muito também, da personalidade do professor e do ambiente geral da escola.

E' justamente esse treino que exige que a composição seja diária.

A correção gramatical vai-se conseguindo aos poucos, fruto da maturidade da criança e da persistência do professor.

O problema das composições trás consigo, principalmente, o problema da correção das mesmas. Como, então, corrigi-las?

Em primeiro lugar, as correções devem ser sempre coletivas. O professor lê uma a uma, separa as melhores, marca o aspecto bom de todas, seja uma palavra ou uma expressão. Comenta, na classe, os aspectos gerais das composições e lê as melhores, duas, três, ou mais, e cita uma particularidade interessante de cada uma das outras, para estimular setus autores. A correção da composição diária consiste apenas nesse comentário, em sugestões das crianças na classe, na leitura de vez em quando, de um bom modelo que venha corrigir uma falha em vista, etc.

Os erros gramaticais vão sendo corrigidos aos poucos escolhidos entre os mais graves e os mais freqüentes.

Corrige-se um erro de cada vez e não se passa a outro enquanto o primeiro não estiver bem eliminado na classe. Duas a três vezes por semana o professor faz a correção gramatical, em seguida, a correção da organização dos fatos e do desenvolvimento da idéia.

Para a correção dos erros gramaticais, o professor pode adotar o critério seguinte: — sublinha, nas composições, com um leve traço, o erro que está atacando. Tira exemplos

das próprias composições, faz com êles exercícios de correção, orais e no quadro, usa o livro adotado para ilustrá-los e, finalmente, manda cada criança que tem o erro sublinhado corrigi-lo oralmente, para que todos verifiquem o seu caso particular. Em seguida mandará corrigi-lo na própria composição. Os erros que são bem atacados, logo se corrigem. Mas, há erros que são devidos mais a uma maneira imprópria de se dar a compisição: originam-se frequentemente, dos temas remotos da experiência das crianças.

Elas devem escrever sobre aquilo de que tenham muito que dizer. E não é só isso. É necessário que, antes de elas escreverem, o professor mantenha uma conversa viva, interessante e variada para despertar-lhes associações novas, evocar-lhes experiências passadas, dar-lhes normas e sugestões e interessá-las vivamente pelo que vão escrever.

A imitação é um fator poderoso para a composição. Leituras, comentários sobre leituras, cópias de trechos de boa forma devem ser dados com frequência.

#### PRIMEIRO SEMESTRE

A composição deve começar, no primeiro ano, antes, talvez, de a criança dominar a escrita e a ortografia.

Os primeiros exercícios serão feitos coletivamente, mas logo se tornarão, também, individuais. Devem ser muito frequentes sem nunca se perder de vista a motivação.

Os primeiros produtos serão simplés, infantis e sinceros.

\*

Nenhuma composição deve ser dada com o fim exclusivo do exercício, mas deve ter um motivo real para a criança. Todas as oportunidades para escrever cartas devem ser aproveitadas: uma criança da classe que está falhando por doença, aniversários de pais e irmãos dos alunos da classe, aniversários de pessoas amigas da escola, etc. Essa ativi-

dade tem um grande significado para a vida da criança e da escola. Dá o hábito da correspondência, ligando a vida escolar com a vida extra-escolar.

As correções devem visar sempre ao aspecto positivo das composições. Comenta-se o lado bom de cada uma e leva-se a classe a imitar.

#### Atividades:

A) Exercícios de composições de pequenas histórias, usando as fichas de palavras da lição de leitura:

- a) Mandar cada criança compor a sua;
- b) mandar ler;

c) comentar com a classe, fazendo sobressair os bons aspectos de cada uma;

- d) escrever no quadro ou na cartolina as mais bonitas.

B) Exercícios de composição, usando as fichas:

a) Mandar compor uma pequena história com as fichas de palavras;

- b) mandar copiá-las no caderno;
- c) mandar ler a composição para a classe;
- d) comentar, salientando os lados bons.

C) Exercícios, em cooperação, de composição de uma história:

- a) tornar o motivo bem claro para as crianças;
- b) pedir colaboração da classe;
- c) comentar cada contribuição, escrevendo a melhor no quadro;

- d) mandar copiar nos cadernos;
- e) mandar ilustrá-la;
- f) comentar a escrita e a ilustração.

D) Exercícios coletivos de composição de uma carta:

- a) fixar claramente o motivo para a classe;
- b) pedir colaboração;
- c) comentar as contribuições;
- d) mandar copiar nas folhas de papel;
- e) mandar ilustrar;
- f) comentar a escrita e a ilustração;

g) escolher as mais bonitas quanto à escrita e à ilustração, para enviar pelo correio ou pelo portador.

E) Exercícios de composição de história sobre uma

a) ouvir as várias contribuições;

b) comentar e escolher a melhor figura para figurar

F) Exercícios coletivos de redação de convites para reuniões e festas na escola.

Seguir o mesmo critério.

### SEGUNDO SEMESTRE

A) Atividades coletivas e individuais, segundo o mesmo processo das do primeiro semestre.

B) Composição independente de cartas, convites, recados, que deve ser assim dirigida:

a) fixar claramente o motivo para a classe;

b) mandar a criança pensar para depois escrever;

c) deixar conferir fichas da leitura para facilitar a ortografia de algumas palavras;

d) dar auxílio aos que necessitarem.

C) Exercícios de composição sobre cada cena de uma história muda:

a) expor a história muda;

b) estimular a interpretação escrita da cena;

c) comentar e escolher as interpretações mais interessantes para figurarem debaixo de cada cena.

E) Exercícios de composição de avisos e de ordens: gravura de sentido completo:

a) mandar escrever uma história;

b) comentar e escolher a melhor.

como interpretação da gravura, etc.

F) Composição de cartas enigmáticas.

No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) têm um vivo interesse pelo trabalho de composição;

b) conhecem os seguintes pontos da técnica de escrever:

1 — o ponto final no fim de cada sentença.

2 — o ponto de interrogação no fim de uma sentença interrogativa;

3 — a letra maiúscula no princípio de cada sentença;

4 — a letra maiúscula nos nomes de pessoas, lugares, etc.;

c) têm relativa facilidade em dar contribuições para os exercícios coletivos;

d) compõem com boa seqüência histórias com cinco fatos.

1 — resumo esquemático:

a) mandar ler um trecho ligado a qualquer matéria do programa;

b) mandar fazer o esquema do que foi lido.

NOTA — Seguir as outras atividades indicadas para o mesmo fim, no terceiro ano.

B) Atividades coletivas para desenvolver a pontuação: 1 — exercícios de pontuação de histórias:

a) escrever uma história, sem pontuação, no quadro;

b) mandar uma criança lê-la tal qual;

c) pedir sugestões quanto à pontuação;

d) mandar ler, novamente, depois de pontuada;

e) fazer a criança sentir a pontuação, através da expressão na leitura.

2 — Exercício individual de pontuação de uma história:

a) ditar um trecho fácil que não apresente dificuldades ortográficas, para a classe;

b) mandar as crianças pontuá-lo de acôrdo com a expressão da leitura;

c) ler, novamente, o trecho para as crianças conferirem a sua pontuação.

3 — Apresentar casos curiosos de pontuação.

Ex. : — "Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não. Discordo."

Alterado pela pontuação:

"Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não discordo."

C) Atividades para desenvolver o treino de formas pronominais, verbais e possessivas da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, 2.<sup>a</sup> pessoa do plural e do tratamento de V. Excia.

1 — Mandar escrever cartas com êsses tratamentos.

2 — Mudar o tratamento das cartas.

3 — Estabelecer relação entre a linguagem escrita e a falada, fazendo variar, na classe, o tratamento, ora de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, ora de 2.<sup>a</sup> pessoa do plural ou de V. Excia.

4 — Dialogar uma história interessante.

D) Usar as demais atividades indicadas para o 3.<sup>o</sup> ano.

No fim do quarto ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) revelam habilidade de escrever cartas apropriadas a várias situações mais comuns;

b) revelam a capacidade de escrever com clareza e boa organização uma série de parágrafos sobre um determinado assunto de seu conhecimento.

\*

## ORTOGRAFIA

Muito pouco precisa saber a professora sobre o ensino da ortografia para conseguir que seus alunos escrevam com correção. A ortografia não depende do raciocínio, e a repetição é a lei fundamental em que se apoia o seu aprendizado.

As causas principais dos erros de ortografia são devidas à percepção auditiva. Isso, geralmente, e, muitas vezes, mais freqüentemente, com crianças que têm pronúncia ou uma articulação defeituosa. As trocas de letras, tão freqüentes, são sempre evitadas quando se tem a preocupação de corrigir a articulação e a pronúncia da palavra.

O ensino da ortografia, como o de tôdas as matérias do programa, deve ter meios de controle. Enquanto não se dispõe de outros recursos, o livro de leitura adotado na classe

pode servir de base para a seleção de palavras. Pode ser completado com listas de palavras fornecidas pelos erros nos exercícios escritos e com as palavras que se tornarem necessárias para a expressão escrita da criança.

O aprendizado da ortografia deve ser quanto possível individual. Pode ser adquirido através do treino isolado de palavras ou através de textos.

Não deve ser feito exclusivamente nem de uma maneira nem de outra. O mais verdadeiro seria fazê-lo dentro de um pensamento, mas torna-se, às vezes, insuficiente.

O treino de palavras só é eficiente quando o professor se mantém rigorosamente dentro das palavras do domínio da criança. Isso porque o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário oral da criança.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavra para cada ano devem ser:

- 1.<sup>o</sup>) freqüência nos exercícios escritos;
- 2.<sup>o</sup>) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acentuatadamente artístico.

\*

O ensino da ortografia no primeiro ano consiste em duas fases, bem distintas. A primeira, a fase do aprendizado baseada na percepção visual da palavra. A segunda, a fase baseada na percepção auditiva e, freqüentemente, também, na visual.

### 1.<sup>a</sup> Semestre

A) Exercícios baseados na percepção visual da criança. O professor escreve a palavra no quadro, as crianças olham. Em seguida, apaga a palavra e as crianças a escrevem nos seus cadernos.

B) Exercícios para desenvolver a articulação e a pronúncia das palavras: recitar rimas.

C) Exercícios para desenvolver a firmeza de articulação:

a) fazer dizer muitas vezes palavras ou rimas, como: papa-capim, o ninho de mafaganifos;

b) mandar a criança articular a palavra na frente da classe, mas sem pronunciá-la, e mandar que as outras adivinhem a palavra.

### 2.º Semestre

O momento de se introduzir a segunda fase, baseada na percepção auditiva, é quando, na leitura, os alunos adquiriram a capacidade de reconhecer palavras por si mesmos.

A) Exercícios com palavras constituídas de letras cujas combinações com as vogais dão sons simples. Ex.: — bola, peteca, etc.

B) Exercícios com grupos de palavras que apresentem uma mesma dificuldade ortográfica, como palavras com: cr; fl; lh; etc.

a) palavras que não prescindem da apresentação escrita, como *homem, descida*, etc.;

b) palavras comegadas por *se e ce*;

c) palavras com *x*: *enxada, enxoval*, etc.;

d) palavras com *g e j*, etc.

D) Exercícios para desenvolver a firmeza de articulação e pronúncia, citados no período anterior.

E) Ditado em unidades de pensamento de historietas de 4 a 5 sentenças interessantes e bem escritas.

F) Testes semanais ou quinzenais de ortografia para medir o progresso das crianças.

No fim do primeiro ano as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

a) escrevem, por ditado, palavras formadas com as combinações de consoante e vogal — sons simples;

b) escrevem, sob ditado, historietas dentro de um sentido familiar;

c) conhecem a ortografia das formas verbais usuais de sua linguagem corrente, nos tempos — presente, pretérito perfeito e imperfeito, do modo indicativo; participio presente e passado; infinito;

d) dividem palavras formadas de sílabas simples.

\*

### ESCRITA

A escrita não é tão insignificante para o preparo geral de uma pessoa de modo que seja desconsiderada num programa. E tanto assim é que, depois de anos em que tem sido mais ou menos abandonada, volta a ocupar a atenção do professor com o seu processo analisado e os seus objetivos bem definidos.

A escrita é um meio de comunicação e a vida exige, nela, principalmente, duas qualidades: *rapidez e legibilidade*.

Ao professor é indispensável saber os graus de perfeição que essas qualidades podem atingir na escola, as condições que podem afetar sua aquisição e desenvolvimento e o tempo que isso absorve.

Os movimentos na escrita são determinados pela posição da criança na carteira, pela colocação do papel e a maneira de pegar a caneta ou a pena.

O movimento mais importante é o da mão ao longo da linha, enquanto se formam as letras. É feito pela rotação do braço em torno do cotovelo ou em torno do ponto de apoio do braço na mesa. Quando este movimento não é propriamente desenvolvido, a mão fica muito presa e dura, e as letras ficam mal formadas. Se êle não se faz contínua e regularmente, a inclinação e a forma das letras ficam muito defeituosas.

A criança deve sentar-se bem defronte da carteira. A altura do assento deve permitir que os seus pés descansem bem no chão e as suas pernas fiquem paralelas à superfície do banco. Deve sentar-se bem atrás na cadeira e com a cabeça sempre alta. Para evitar que se tenha de curvar para a frente, aproxima-se a cadeira da mesa, de modo que os pés da

criança, fiquem debaixo da mesa. A altura da mesa deve ser feita de modo a permitir que o braço direito descanse naturalmente sobre ela.

O papel deve ser colocado diante da criança, ligeiramente inclinado, de modo a fazer com o bordo inferior da carteira um ângulo de 30° mais ou menos.

A linha de escrever fica, assim, paralela à diagonal traçada no canto inferior da carteira ao canto superior, nas nossas carteiras normais. A mão deve apoiar-se no 3.º e 4.º dedos e nunca na base ou no lado da mão.

O lápis e a caneta devem ser segurados, naturalmente, e os dedos não se devem amontar para segurá-los. Devem ser mantidos entre o dedo grande e o indicador, sendo que este mais perto da pena ou da ponta do que aquele.

Devemos encarar não só o movimento, mas o seu ritmo. As ações musculares não alcançam o seu inteiro objetivo quando não se coordenam num ritmo natural. O ritmo facilita não só a rapidez como a legibilidade.

A escrita, como todas as atividades, deve ser controlada sistematicamente pelo professor.

As normas que servem de base para medi-la são, quanto à legibilidade:

- 1) espaçamento das palavras;
- 2) espaçamento das linhas;
- 3) inclinação da escrita;
- 4) forma, tamanho e espaçamento das letras;
- 5) regularidade das letras e da inclinação;
- 6) ausência de floreios.

A qualidade mede-se, também, pela *disposição geral*:

- 1) margem;
- 2) centragem de títulos;
- 3) aberturas de parágrafos.

#### *Pela limpeza*

- 1) Rasuras;
- 2) borrões;
- 3) cuidado geral.

A rapidez mede-se fazendo a criança escrever durante um certo número de minutos, geralmente, um a dois minutos. Divide-se o total das letras escritas pelo número de minutos. O quociente representa a rapidez.

A escrita aprende-se através de repetições atentas dos movimentos, até que se tornem automáticos. Para assegurar a eficiência das repetições, devem estar estas associadas a algum motivo real para a criança. Uma boa motivação de que o professor pode lançar mão, para melhorar a escrita das crianças, é interessá-las no seu próprio adiantamento, marcando os seus erros, sugerindo meios e exercícios para corrigi-los e registrando os seus progressos.

#### *PRIMEIRO ANO*

O fim principal do ensino no primeiro ano consiste em desenvolver a coordenação motora, estabelecer liberdade de movimentos e o ritmo desses movimentos.

As aulas devem, por isso, começar com exercícios preparatórios no quadro para facilitar o movimento amplo e assegurar o movimento do braço. Os exercícios no papel devem ser grandes, e as letras, de tipo comum, devem ter a largura de um centímetro e meio e manter esse tamanho através de todo o primeiro ano. A princípio o papel deve ser sem pauta. Dessa maneira a criança adquire o hábito de escrever tanto no papel pautado como no sem pauta, sem treino especial.

Os exercícios de escrita podem ser associados às aulas de leitura. A criança deve, de preferência, começar a copiar as frases e sentenças, mas imitando o movimento da professora. Ao lado desse exercício podem ser feitos outros, visando a formação das letras, sem preocupação de grande perfeição. À medida que vão melhorando, o professor pode ir sugerindo regularidade, quanto ao alinhamento e formação das letras.

#### *Atividades:*

- a) exercícios ritmados no quadro ou no papel, contando alto;
- b) exercícios de cópia motivada de sentenças curtas com palavras curtas;

- c) exercícios para a formação das letras minúsculas, maiúsculas;
- d) exercícios de escrita de números em coluna;
- e) exercícios de escrita de palavras de vários tamanhos em coluna;
- f) exercícios seguidos para desenvolver a forma das letras;
- g) exercícios seguidos para desenvolver o alinhamento;
- h) exercícios seguidos para desenvolver a rapidez.

(Depois de seis meses de aprendizado de escrita, alguns exercícios para desenvolver a rapidez podem ser iniciados. Dar uma palavra curta e ver quantas vezes podem escrevê-la durante um minuto. Expor os resultados. Repetir o mesmo exercício com a mesma palavra e, depois, exercícios com palavras diferentes. Esse exercício deve ser feito cada mês).

- i) exercícios de cópia para exposição das melhores em "Nossas melhores escritas", uma vez por semana.

No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) têm uma boa atitude para com a escrita;
- 2) escrevem 40 letras num minuto;
- 3) têm uma boa posição habitual;
- 4) formam bem as letras, têm a inclinação e o espaçamento mais regulares;
- 5) revelam um domínio relativo de movimentos e alguma leveza de traços.

## Aritmética e Geometria

*Considerações sobre o ensino da Aritmética e da Geometria no curso primário*

A Aritmética, se ensinada com o objetivo exclusivo de ensinar Aritmética, sem atender a necessidades reais e sem corresponder a situações que, de fato ou provavelmente, ocorrerão, não alcançará seu objetivo verdadeiro, que é ensinar ou auxiliar o aluno a estimar, medir, comparar, avaliar, calcular, tornando-o eficiente no uso e aplicação dos números.

Se tudo que nos cerca existe em alguma medida, torna-se necessário, para avaliar com exatidão, reconhecê-lo no seu aspecto de relação. Bastaria este fato para justificar o lugar da Aritmética num programa de ensino. No entanto, não são poucos os conhecimentos aritméticos adquiridos na infância e que, por falta de aplicação, pouco duraram, deles restando a lembrança, muitas vezes amarga, de energia e tempo dispendidos inutilmente. É costume dar aos alunos, por exemplo, o cálculo de juros, em qualquer prazo, a qualquer taxa, descurando-se daqueles casos real e atualmente mais usados. O aluno sabe aplicar muito bem a fórmula "c[100]" e, contudo, duvidará diante de uma caderneta de Caixa Econômica, para calcular os juros de um semestre. Saberá resolver problemas a cuja redação se habituou na escola, com frações 57/123, 17/19, etc., e talvez se visse embarçado se lhe dissessem: "Volte daqui a três quartos de hora". Hábeis em problemas considerados difíceis, na escola, são os alunos, não raras vezes, incapazes de dizer, prontamente, o preço de uma compra ou interpretar uma pequena notícia de jornal, isto é, aplicar a Aritmética aprendida na escola aos problemas corriqueiros de todo dia. É que entre a Aritmética da escola e a Aritmética da vida levantou-se uma barreira, quando uma e outra deveriam ser a mesma. Tal não teria acontecido se os conhecimentos fornecidos pela Aritmética na escola tivessem sido aqueles que a própria vida exige dos indivíduos e nas situações que lhe são mais comuns, isto é, se a escola houvesse introduzido a Aritmética dentro de sua função natural.

As atividades dos próprios alunos, as atividades da classe, da escola, fornecem excelente material para o ensino dos números, especialmente no primeiro ano, quando a criança vai à escola com algumas experiências, bem ou mal definidas. Sabe dizer os nomes dos números — um, dois, três, quatro, cinco, ..... vinte e cinco, etc., mas aceitará, satisfeita, a troca de um níquel de \$400 ou de uma pratinha de \$500 por alguns níqueis de tostão, atraída pelo número de tostões, apesar da diferença de valor. Ao professor dos primeiros anos

está reservada a parte mais delicada do programa. Cumpre-lhe oferecer aos alunos situações *oportunas, atuais*, em que os números entrem necessariamente, auxiliando-os na interpretação das mesmas e levando-os a formar imagens claras e definidas das relações numéricas.

Encontram-se facilmente alunos que sabem a técnica das operações, porque se habituaram a fazê-las. Não tão facilmente se encontram aquêles que sabem "quando" e "como" devem aplicar as operações, porque não lhes foi desenvolvida a capacidade para *compreender e interpretar* as diferentes situações, e nem a habilidade para empregar, selecionando, os seus recursos aritméticos.

Todo trabalho deve ser desenvolvido através de problemas que são situações significativas. Os problemas derivados de projectos ou actividades correspondem a fontes de interesse para a introdução do trabalho formal dos fatos aritméticos e processos. Ex.: Em uma classe, discutidos os meios para a exposição permanente de trabalhos dos alunos (composições, desenhos, gráficos, etc.) chegam à conclusão de que uma barra de pano satisfaria bem, porque, sem furar muito a parede, comportaria grande número de trabalhos, presos com alfinetes.

Qual seria então, a fazenda? Quantos metros bastariam? São questões que logo surgem. Calculadas as medidas, pelos próprios alunos, viram que 4 metros e 25 centímetros chegam para uma parede, e 2 metros e meio para a outra. Escolhida a fazenda, decidiram por uma de 1\$600 o metro.

Quanto gastariam, então? Necessariamente, este problema terá de ser resolvido. E, como a classe ainda desconhece a técnica da multiplicação decimal, é bem provável que o problema seja assim solucionado:

4 metros, a 1\$600 . . . . .	6\$400
1/4 do metro . . . . .	\$400
4 metros e 1/4 . . . . .	6\$800

2 metros . . . . .	3\$200
1/2 metro . . . . .	\$800
2 metros 1/2 . . . . .	4\$000
	6\$800
	4\$000
	10\$800

Esta solução é uma contribuição valiosa à regra que elaborarão oportunamente.

Será fácil, depois desses dois problemas e de outros semelhantes, mostrar a multiplicação de 4,25 por 1\$600. E de 2,50 por 1\$600. Ou de 6,75 por 1\$600. Compreenderão mais facilmente o processo da multiplicação de um número inteiro por um decimal. E as razões que a suportam. Aceitarão, racionalmente, o resultado "6\$800" e não o resultado "680\$000"; "1\$000" e não 400\$000.

4,25	4,25	
1600	1600	
2550	2550	
425	425	
680000	680000	etc.

Estes problemas e alguns outros semelhantes não serão, todavia, suficientes à resolução precisa da multiplicação de um número inteiro por um decimal. Mas o interesse despertado pelo problema, que foi realmente "um problema da classe" e que fez, por isso mesmo, um apêlo à capacidade de pensar dos alunos, permite-lhes aceitar, de boa vontade, os exercícios formais, necessários à fixação e à rapidez do processo.

A princípio, os problemas devem ser orais, com uma operação apenas, *facéis*. Depois, com duas operações e assim sucessivamente, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos e contribuindo para o mesmo.

Sómente quando o aluno reconhece no trabalho algum valor é que a êle se entrega interessadamente. Esse valor só poderá ser realçado através de situações que representem experiências suas. Problemas dessa natureza despertam o interesse para possuir os instrumentos necessários à solução. E, como o esforço é uma consequência natural do interesse, o aluno aceitará os exercícios formais, seriados, para ganhar o domínio sobre os mesmos. Depois de *compreender*, através de problemas, a formação dos números pela soma, subtração, multiplicação e divisão, isto é, depois de *compreender* que 5 mais 7 são 12, que 10 menos 8 são 2, que 5 vezes 4 são 20, que 21 dividido por 3 são 7, etc., por que não associar rapidamente esses resultados à indicação das operações, chegando, pelo exercício, à automatização dos mesmos?

Toda dificuldade será, pois, considerada como um problema. Vencida a dificuldade que o mesmo encerre e feita a verificação por meios *objetivos*, problemas adicionais serão dados. Em seguida, exercícios para maior precisão e rapidez.

O trabalho será enriquecido com problemas reais e atuais (especialmente nos primeiros anos), *que decorram das experiências dos alunos, que os interessem, que os estimulem a raciocinar, que promovam associações úteis*.

Os problemas trazem *vida* ao trabalho, quando bem aproveitados, além de fornecerem *motivos* para o estudo. Dão *finalidade* às operações, além de exercitarem as habilidades que desenvolvem nos alunos.

As situações problemáticas do momento, isto é, as atuais, aquelas que a criança vê, sente, vive, são as mais ricas para seu desenvolvimento. "Por que não levar o aluno a tomar nota de suas próprias despesas na escola ou mesmo fora da escola?" (Aproveitando sempre a oportunidade para *desenvolver o julgamento do aluno e educá-lo*). Estabelecendo confronto entre despesas feitas nos diversos meses ou semanas. Confronto

entre despesas de um e outro aluno. Interessá-los pelas compras da escola. Pelas despesas gerais de classe. Problemas sobre horário. Problema sobre a merenda. Sobre a alimentação racional. Sobre a frequência (porcentagem de alunos frequentes em cada classe, na escola). Problemas sobre os resultados dos testes. Sobre o movimento da biblioteca (aquisição de livros, encadernação, caixas, manutenção da biblioteca). Movimento e vida do jornalzinho escolar, dos diversos clubes, grêmios ou associações, loja de fornecimentos, etc. Problemas derivados de notícias de jornais — comércio, importação e exportação, população, anúncios, etc., etc."

Em certa escola primária, por iniciativa de seu jornalzinho, resolveram os alunos fazer doação de uma casinha para os pobres, na Cidade Ozanam. Começaram com pequenas contribuições mensais, durante dois anos, e terminaram com um festival que satisfizes plenamente ao móvel da iniciativa, além de permitir fazer outras doações a instituições de caridade. Jamais a Aritmética fora tão vivida pelos alunos nessa escola.

Eram os cálculos para conhecerem as contribuições mensais de cada classe, de todas as classes, quanto faltava para os 250\$000 desejados. As medidas que sugeriam para levantar o capital mais rapidamente. Movimento de pequenas rifas de trabalhos. Os preparativos de ordem econômica para o festival, como: montagem de uma peça, fantasias para os alunos, requerimentos, impressão de programa, anúncios, etc. O mesmo, impressão de ingresso, etc., etc., levantaram problemas muito interessantes que não apenas revelavam aos alunos o auxílio que a matéria lhes prestava nas diversas circunstâncias, como contribuíam eficientemente para o seu desenvolvimento, em diversos aspectos — intelectual, social, cívico, religioso, moral. Os mesmos problemas, imaginados, não teriam despertado tanto interesse e nem produzido igual curiosidade intelectual. Contudo, *os problemas atuais não poderão ser exclusivos no trabalho. Outros tipos deverão ser introduzidos, além de outros exercícios para fixação e rapidez, jogos, etc., etc.*

O interesse que se consegue através dos problemas, em cada caso particular, deve estender-se, de modo geral, ao conhecimento da disciplina, fazendo-se o aluno sentir a necessidade do auxílio da Aritmética e apreciar sua técnica na solução dos problemas. E, assim, a aprendizagem se tornara mais um trabalho de atrativos e satisfações do que propriamente um esforço obrigatório.

Em resumo: Todas as matérias oferecem farta contribuição para a tarefa importante do professor, que é a de desenvolver no aluno motivos fortes para a ação que eleva, para a ação que dignifica. A Aritmética aplicada à economia doméstica vem auxiliar a resolução de questões úteis presas à habitação, ao vestir, à alimentação, às distrações, à administração da família (rendas e despesas, gastos supérfluos, etc.), etc., etc. Entre os motivos, encontram-se aqueles que se prendem à educação cívica do aluno — o estudo das manifestações da vida econômica: agricultura; mineração; comércio (de importação e exportação); comunicação; administração pública (da região, do município, do Estado, do País; os impostos, seu emprêgo); previdência social; finanças (a moeda, valorização, etc.); etc., etc. Assim as questões presas à economia política e à ciência das finanças que podem ser facilmente interpretadas no curso secundário, onde encontram um lugar mais favorável para serem ventiladas, mas que devem ser iniciadas no curso primário, aproveitando o professor somente aqueles aspectos que possam levar à compreensão de algumas das condições, natureza e constituição da Pátria, para formar no aluno o sentimento de responsabilidade e a mais perfeita consciência do dever.

O ensino da Geometria, como o da Aritmética, deve ser vivo, prender-se às formas que se encontram no ambiente. Através de observações do meio, educar a vista do aluno para uma apreciação justa das formas. Partir da definição de corpo, linhas, ângulos, etc., corresponderia a partir das letras para se ensinar a leitura (processo que, dificilmente, garantiria o interesse dos alunos).

Partir, pois, dos objetos que cercam os alunos, compará-los, chegar, pela observação, ao conhecimento das diversas formas, parece o processo mais aconselhado. O fundamento do ensino da Geometria repousa em observações que permitem uma aplicação segura dos conhecimentos sobre formas dos corpos e sobre outras verdades que a matéria encerra. Assim iniciados, os alunos poderão compreender, mais tarde, as relações causais entre as cousas e suas formas; e compreender como as formas das cousas estão adaptadas a um fim.

Os problemas da Geometria devem decorrer de circunstâncias reais; levar os alunos a atividades várias; levantar novos problemas; aumentar o círculo de experiências dos alunos.

O estudo da Geometria deve ser relacionado ao trabalho manual. Também ao trabalho agrícola, desenvolvendo-o sob a forma de "medida de terreno" (para o estudo das áreas).

No desenvolvimento do programa deve haver seqüência. As diversas partes que o formam devem suceder-se dentro de um encadeamento lógico e psicológico ao mesmo tempo, etapa por etapa, não permitindo lacunas e interrupções entre os diversos conhecimentos e nem mesmo longos intervalos sem aplicação da matéria já aprendida. Ainda que na seriação do programa certa matéria tenha sido desenvolvida no princípio de um trimestre, não convém abandoná-la inteiramente, mas usá-la, fazendo aplicações diversas, seja o trabalho oral ou escrito. Não só os conhecimentos se tornarão mais precisos, como também a sua aplicação se fará mais fácil e inteligentemente.

Concluindo:

- 1 — Manter o interesse dos alunos durante todo o trabalho:
  - a) considerando as experiências como base;
  - b) escolhendo o material educativo dentro de necessidades reais.

- 2 — Atender às diferenças na classe:
- questões mais difíceis para os mais desenvolvidos;
  - trabalho qualitativa e quantitativamente dosado.
- 3 — Exigir sempre exatidão nos cálculos (uma questão está certa ou errada).
- 4 — Garantir um controle automático nos fatos fundamentais das quatro operações.
- 5 — Habituá-lo o aluno a verificar seu próprio trabalho.
- 6 — Levar o aluno a colaborar na elaboração de regras e princípios.
- 7 — Verificar, periodicamente, o progresso dos alunos, tornando-os interessados pelos resultados.
- 8 — Desenvolver o cálculo mental.
- 9 — Desenvolver a capacidade para aplicar os conhecimentos.
- 10 — Desenvolver a capacidade para raciocinar e o hábito de raciocinar.

#### PRIMEIRO ANO

#### FEVEREIRO E MARÇO

Desenvolvimento da *noção* do número, *limitando* à dezena as primeiras experiências e fazendo sentir o número em relações diversas, dentro de situações reais e atuais.

Aproveitar todas as ocasiões para fazer o aluno contar e *sentir* o número dentro de seu uso real. Durante o período destinado à Aritmética e em outros períodos, incluindo atividades fora da sala de aula, o professor encontrará oportunidades para resolver, com os alunos, pequenas situações que exigirão a contagem. Também pequenas somas e subtrações, dentro da primeira dezena (Contar meninas e meninas em pequenos grupos. Fichas de leitura necessárias para os diversos grupos. Material para Aritmética e outras disciplinas. Livros da biblioteca. Os melhores trabalhos. Meninos para jogos, brinquedos. Atividades diversas. Freqüência — alunos presentes e alunos ausentes. Dias que faltam para determinado fim, etc., etc., em problemas presos às atividades infantis). Os números, aprendidos pelo uso dos

números e não pela memorização de símbolos numéricos, serão reconhecidos como "núcleos de fatos". Assim: o número seis será igual a  $\square\square\square\square$ ; a  $\square\square\square$ ; a  $\square\square\square\square$ ; a  $\square\square\square\square$ ; a  $\square\square\square\square$ ; etc., etc.

Tamanho, distância, disposição, forma. Tamanho: largo, estreito; grande, pequeno, comprido, curto, grosso, fino, etc. Distância: longe, perto, etc. Disposição: frente, atrás, em cima, em baixo; direita, esquerda, entre, etc. Forma: círculo, quadrado.

Série de números até 20 ou mais (de acordo com as experiências da classe).

#### ABRIL, MAIO E JUNHO

Contar em série — até 50 ou mais.

Compreender que as quantidades são avaliadas diferentemente: os ovos são contados; o leite é medido (litro); a fazenda é medida (metro); o açúcar é pesado (quilo).

Introduzir a dúzia.

Intensificar os exercícios (orais), dentro da primeira dezena, em situações concretas, para melhor significação do número, resolvendo pequenas somas, subtrações, multiplicações e divisões, decorrentes de problemas da própria vida escolar ou mesmo de fora da escola.

Uso e aplicação do número ordinal, até quinto. (Muitas atividades da classe exigem o número ordinal. Nos brinquedos: o primeiro, o segundo, etc. Na leitura de fichas: ler a segunda ficha, a quarta, etc. Nos resultados dos trabalhos: o primeiro lugar, o segundo, etc. Na interpretação das canções: o primeiro verso, o segundo, etc., etc.).

Aumentar, gradativamente, a contagem, valendo-se do conhecimento da dezena e de situações sempre concretas. Usar o número até dez, ou pouco além, nos problemas orais, sempre de acordo com o desenvolvimento dos alunos.

Fatos fundamentais de soma, cujos resultados não passem além de dez. (Fatos fundamentais da soma são as somas de dois números simples: Ex.:  $3 + 2$ ,  $7 + 3$ ,  $4 + 4$ ,  $9 + 9$ , etc.).

Dar as duas formas simultaneamente:  $3 + 2$  e  $2 + 3$ ;  $5 + 1$  e  $1 + 5$ ,  $4 + 2$  e  $2 + 4$ , etc.

3	2	5	1	4	2	2
2	3	1	5	—	4	2
—	—	—	—	—	—	—

Subtrações correspondentes. Dos exemplos acima, são subtrações correspondentes, isto é, fatos fundamentais da subtração:

5	5	6	6	6	6	4
3	2	5	1	4	2	2
—	—	—	—	—	—	—

Para o aprendizado dos fatos fundamentais, são aconselhadas fichas de cartolina, de forma retangular, que têm, de um lado, o fato fundamental e, do outro lado, o mesmo fato fundamental com o seu resultado.

3	3
2	2
—	—
—	5

Conhecer a moeda até cinqüenta centavos, fazendo trocos.  
Conhecer "metade" da quantidade e do número.

#### JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Contar até cem.

Contar até cem, de dez em dez.

Uso e significação do número ordinal, até décimo.

Soma de três números simples, limitando o resultado da soma a dez (revisão dos fatos fundamentais aprendidos).

Ex.:	3	5	8	2	4	1
	1	2	1	3	2	3
	2	1	1	2	1	4
	—	—	—	—	—	—

Fatos fundamentais da soma (resultados além de dez)  
Dar as duas formas simultaneamente.

Ex.:	3	8	6	9	3	7	9
	8	3	6	3	9	8	9
	—	—	—	—	—	—	—

Subtrações correspondentes (fatos fundamentais da subtração).

Ex.:	11	11	12	12	12	15	15	18
	8	3	6	9	3	8	7	9
	—	—	—	—	—	—	—	—

Problemas e outros exercícios com as medidas aprendidas. (Aproveitar, sempre que possível, situações atuais. Também situações não atuais, familiares, porém aos alunos).

Problemas e exercícios com a moeda, até um cruzeiro.  
Conhecer a moeda até Cr\$ 1,00, fazendo trocos.

Problemas e outros exercícios, empregando "metade" e "dôbro".

Aprender a reconhecer no relógio; hora de início dos trabalhos; do recreio; e da terminação dos trabalhos.

Montagem da "Loja escolar".

A loja escolar é uma das instituições mais interessantes, neste período, porque conduz a atividades que trazem o número em seu *uso real*.

A loja deve funcionar na própria sala do primeiro ano, para servir aos alunos mais facilmente e satisfazer, com o seu sortimento, às necessidades da classe; lápis, papel, cadernos, blocos, borracha, caixas de lápis de côr, etc.

Dois ou mais alunos serão incumbidos, por uma semana ou por dois ou três dias — conforme a orientação do professor — de *efetuar as vendas*. É aconselhado recair a escolha sobre um aluno adiantado e outro atrasado, a fim de que o primeiro possa auxiliar o segundo. No fim do dia, deverão apresentar ao professor o movimento da loja.

Ex.:	1 bloco . . . . .	Cr\$ 0,60
	1 lápis . . . . .	Cr\$ 0,30
	1 caderno . . . . .	Cr\$ 0,40
	1 borracha . . . . .	Cr\$ 0,10 etc.

Situações que podem surgir:

"Dar o troço correspondente à venda de uma borracha (Cr\$ 0,10), pela entrega de uma pratinha de Cr\$ 0,50, ou de um níquel de Cr\$ 0,40, etc.

Por uma caixa de lápis de côr (Cr\$ 0,80), dar o troço sobre Cr\$ 1,00.

Quanto cobrar por dois cadernos de Cr\$ 0,40 cada um?

Quanto cobrar pela venda de uma borracha (Cr\$ 0,10), um bloco de Cr\$ 0,40 e um caderno de Cr\$ 0,20? E quanto dar de troço, recebendo Cr\$ 1,00.

O professor pede aos alunos meia folha de cartolina. 4 alunos querem comprá-la na loja da classe. Quanto a loja precisa mandar buscar para vender?, etc., etc."

O professor deverá chamar a atenção para os problemas mais interessantes, os quais serão resolvidos pela classe ou então por grupos de alunos, conforme as circunstâncias do trabalho.

Há classes cujos alunos dificilmente poderiam adquirir seu material escolar. Neste caso, haveria a "loja de brinquedos", com material fictício, mas com a *moeda real* (emprestada, naturalmente), para efeito de aprendizado.

Aprender a olhar a folhinha. Dia da semana, mês e dia do mês.

#### OUTUBRO E NOVEMBRO

Continuar o trabalho com os números — em série e em grupos, ligado às atividades da classe.

Exercícios de contagem: de 10 em 10, até 100: 10, 20, 30, etc. De 5 em 5, até 50: 5, 10, 15, etc. De 2 em 2, até 20, 2, 4, 6, 8, etc.

Aprender a olhar o relógio: horas e meias horas.

100 fatos fundamentais da soma e da subtração (todas

as somas de dois números simples — desde 1 mais 1, até 9 mais 9, incluindo zeros e as subtrações correspondentes a essas somas.

Ex.:  $7 + 9 = 16$ ;  $9 + 7 = 16$ ;  $16 - 7 = 9$ ;  $16 - 9 = 7$ , etc.

Conhecer a moeda até dois cruzeiros, fazendo trocos. Somas de três números simples, não indo o resultado além de 18.

Ex.:	5	4	3	8
	4	3	3	1
	1	5	5	9
	—	—	—	—

Pequenas somas de números compostos de dois algarismos (número simples na soma de cada coluna, separadamente).

Ex.:	22	32
	13	14
	11	13
	—	—

Aplicação, em problemas, das medidas aprendidas. Idem de "metade" e "dôbro".

No fim do primeiro ano, os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1 — Resolvem pequenos problemas relativos à "loja escolar" no primeiro ano.

2 — Resolvem pequenos problemas de uma operação sobre assuntos vários, presos às suas experiências.

3 — Lêem qualquer número de um e dois algarismos.

4 — Escrevem qualquer número de um e dois algarismos.

5 — Conhecem os cem fatos fundamentais da soma e da subtração.

- 6 — Conhecem as horas e meias horas.  
 7 — Fazem qualquer trôco sobre importâncias até dois cruzeiros.  
 8 — Reconhecem o círculo e o quadrado, fazendo aplicações.

\*

### BIBLIOGRAFIA PARA O PROFESSOR

- Faria de Vasconcelos — Como se ensina a raciocinar em aritmética.  
 Faria de Vasconcelos — Como se ensina aritmética.  
 Alberto Pimentel — Súmula Didática.  
 Thorndike — A nova metodologia da aritmética (Tradução de Anadir Coelho).  
 Backheuser — A aritmética na escola nova.  
 Comas — Metodología de la aritmética y la geometria.  
 Adolf Rude — El Tesoro del Maestro (volume IV — La enseñanza de las ciencias exactas y naturales). Tradução de Domingo Tirado y Ricardo Crespo.  
 Martel — Procédés du calcul rapide.  
 Grosgurin — Méthodologie — Enseignement de l'arithmétique.

## Educação Moral e Cívica

### INTRODUÇÃO

A Educação Cívica visa à formação da consciência patriótica e reclama, cada dia, mais, a atenção da escola.

Na formação dessa consciência compreendemos o conhecimento do Brasil e a prática dos atos necessários ao seu engrandecimento.

A Educação Cívica é um aspecto particular da educação em geral, no sentido em que procura harmonizar o indivíduo com os ideais nacionais.

Assim como a Educação Moral forma o homem, a Educação Cívica prepara o cidadão. Dai o dizer-se que a Edu-

cação Cívica não prescinde da Educação Moral visto que esta é base em que aquela se firma. Educação Moral e Educação Cívica processam-se, pois, conjuntamente.

A Educação Cívica compreende uma parte informativa — instrução — e outra formativa — desenvolvimento e prática das virtudes morais e cívicas.

### Parte formativa

A parte formativa compreende a formação do caráter e o cultivo das qualidades de um bom cidadão. Far-se-á em qualquer momento, através de todas as atividades escolares. O seu programa não está contido apenas na parte formal da Educação Cívica, mas também difundido nos programas das demais disciplinas do curso.

A Educação Moral atua sobre a conduta para modelar o caráter.

É necessário deixar manifestar-se a natureza infantil para que, conhecendo-a, o professor possa conduzi-la, desenvolvendo o que nela há de bom e reprimindo o que há de mau; vendo o que nela há de bom e reprimindo o que há de mau; dar à criança ocasiões várias de agir para que ela sinta a satisfação do bem ou o desconforto do mal; oportunidades para discernir entre o que é ser corajoso ou fraco, leal ou desleal, honesto ou não.

A escola deve ter em vista formar hábitos e atitudes, inculcar ideais e cultivar qualidades e virtudes cívicas, bem como mostrar ao educando o valor da organização, cooperação e solidariedade para o progresso do País e solução dos seus problemas. Bom cidadão não é aquele que apenas sabe o que é bom e direito, mas o que age bem e conscientemente.

O civismo deve ser tomado em sentido duplo; no do conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria.

São apenas responsabilidades da vida escolar que levarão o aluno a assumir mais tarde as responsabilidades ou os

encargos da vida cívica; é pela colaboração constante na escola que irá realmente colaborar como membro da sociedade.

Dêsse modo, cabe ao professor ajudar o aluno em aula, no recreio, no auditório, e em outras oportunidades, a desenvolver ideais e qualidades pessoais de retidão, honestidade, veracidade, obediência, perseverança, coragem, responsabilidade, ordem, trabalho, controle próprio, etc. e sociais de cooperação, justiça, lealdade, comando, respeito à outrem, etc.

As comemorações de caráter cívico, solenes ou não, os instantes consagrados ao culto da Pátria, as homenagens aos vultos nacionais, o estudo dos principais fatos históricos, as formaturas, as demonstrações, as excursões, as viagens, as festas nacionais, o culto à Bandeira, as lendas, os hinos e canções patrióticas, as poesias, as narrações e outros meios escolares são ótimos ensejos para o desenvolvimento do civismo.

Um dos meios mais eficientes de que a Escola dispõe para promover a educação moral e cívica é a

#### *Socialização*

A formação do caráter e o desenvolvimento do civismo fazem-se, especialmente, pela socialização da escola, através de métodos socializados (projetos, problemas, dissertações socializadas, grupos de estudos, etc.) e mais eficientemente, pelas instituições escolares porque:

- a) elas trazem para a escola situações reais de vida, onde "o aluno aprende a fazer melhor aquilo que terá de fazer mais tarde";
- b) estão de acordo com o interesse e capacidade da criança;
- c) facilitam a expansão da personalidade pela espontaneidade que permitem;
- d) canalizam as tendências infantis;
- e) estando relacionadas com as matérias do programa, auxiliam a escolaridade.

Valores a auferir da socialização: — Cooperação, iniciativa, confiança em si, responsabilidade, julgamento, ordem, comando, inteligente, obediência à autoridade, controle próprio, revelação de aptidões e capacidades especiais, etc. — nos estão praticando julgamento, responsabilidade, respeito funcionamento de um clube desenvolvem-se: iniciativa, a outrem, aprendendo a vencer a serem vencidos, etc.; no Exemplos: elegendo os redatores do jornal escolar, os alunos responsabilidade, sentimento de lei, de ordem, cooperação, etc.

De um programa de escola primária devem constar, tanto quanto possível, as seguintes instituições:

- a) Auditórios.
- b) Comemorações de datas nacionais e locais.
- c) Festivais.
- d) Hora cívica.
- e) Clubes e grêmios diversos ou organizações congêneres (de Leitura, Ciências, Geografia e História, de Música, de Horticultura, etc.).
- f) Escotismo.
- g) Jornal.
- h) Conselho (forma simples, adaptada à escola primária).
- i) Jogos esportivos.
- j) Excursões.
- k) Biblioteca.
- l) Museu.

#### *Parte informativa*

O educando vai adquirir a parte informativa através do estudo do programa de instrução cívica. Esta é útil porque esclarece a ação. O conhecimento dos direitos e deveres auxilia o indivíduo a cumprir esses deveres e a usar esses direitos. Por si só, porém, não garante ação eficiente e própria. Esta requer prática, exercício em ocasião específica para formação de hábitos. O ensino formal falha, quando os hábitos correspondentes não forem adquiridos.

O programa de Educação Cívica indica o conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir, quanto à organização política do País, suas leis (Constituição e outras), poderes constituídos, etc., conhecimentos êsses que o levarão a melhor compreender os seus direitos e deveres relativos à Pátria, e a agir de conformidade com êles. Serão matéria do 3.º ano e do 4.º.

É evidente que no curso primário o professor não pode nem deve aprofundar os assuntos do programa de Educação Cívica, nem exigir que os alunos façam um estudo completo de tôdas as questões, mas sim, que adquiram noções elementares, ao alcance de sua compreensão, sôbre os diversos pontos apresentados.

### PRIMEIRO ANO E SEGUNDO

De acôrdo com o Capítulo anterior, no 1.º ano e no 2.º o trabalho de Educação Moral e Cívica é de natureza prático-formativa.

Compreende a iniciação e o cultivo dos hábitos, atitudes e ideais necessários ao aluno, em suas relações com a família, a escola e a sociedade.

Essas práticas e virtudes morais e cívicas serão desenvolvidas no decorrer do curso primário, e constituirão a base para o aperfeiçoamento das qualidades morais e cívicas do cidadão.

O 1.º ano e o 2.º formam ainda o período preparatório, em que o aluno vai adquirir praticamente, entre outras, noções de autoridade, discriminação de atribuições, conhecimento de regulamentos e leis que lhe permitirão compreender melhor a matéria nos programas de 3.º ano e de 4.º.

O ponto de partida é o que a criança vê e ouve discutido em casa: serviços públicos prestados no seu meio mais próximo — a família e administração local, para depois compreender o que é de atribuição do Estado.

São as questões de alimento, vestuário, habitação, plano de cidade, limpeza pública, diversões, saúde pública, policia-

mento, escolas, transportes, comunicações, etc., que formam base para o estudo do mecanismo da administração (governo, instituição, lei, etc.)

O programa faz, assim, a criança crescer com um conhecimento inteligente de alguns problemas vitais que defrontam as nossas cidades, Vilas ou Municípios, percebendo ao mesmo tempo as relações de causa e efeito.

No primeiro ano, essas noções serão adquiridas tendo por base as experiências que os alunos trazem de casa e as que encontram na escola.

No 2.º ano, a formação de hábitos, atitudes e ideais iniciada no 1.º ano e referentes à família e à escola, será continuada e ampliada à vida na localidade, baseando-se em conhecimentos contidos no programa de Geografia e História. (Ver programa de Geografia e História — 2.º ano).

Para o trabalho de natureza prático-formativa no 1.º ano e no 2.º, o professor se guiará, de um modo geral, como nos seguintes tópicos:

#### 1.º — A Família.

- a) Os membros da família — atividades, deveres, colaboração.
- b) Cultivar sentimentos de amor, obediência, respeito, cooperação, etc.
- c) Deveres pessoais no lar.

#### 2.º — A escola:

- a) Cultivar sentimentos de estima e gratidão para com a escola.
- b) Deveres pessoais na escola:  
Frequência, pontualidade, aplicação, etc.  
Obediência e respeito às autoridades escolares: diretor, auxiliar, professores, pessoal administrativo, etc.  
Obediência aos regulamentos escolares — em classe, no recreio, nos auditórios, etc.

3.º — *Deveres sociais:*

Cultivar:

- a) Cooperação, aprendendo a trabalhar em conjunto para o bem comum;
- b) respeito à propriedade de outrem;
- c) polidez, lealdade e bondade para com todos;
- d) economia de tempo, material, dinheiro, etc.;
- e) espírito de servir e de bem coletivo — (Caixa Escolar, Cantina Escolar, etc.);
- f) ordem e trabalho, etc.

4.º — *Qualidades pessoais:*

Cultivar:

Iniciativa, responsabilidade, perseverança, retidão, sinceridade, domínio próprio, abnegação, coragem, etc.

*Comemorações Cívicas*

Os principais fatos da História do Brasil serão apresentados de maneira simples e relatados em linguagem acessível, como preparação às comemorações cívicas realizadas no estabelecimento e das quais os alunos participarão na medida do possível.

*Símbolos da Pátria*

Serão reconhecidos pelos alunos, como símbolos da Pátria, o Hino Nacional e a Bandeira Brasileira. Seu estudo pormenorizado será feito a partir do 3.º ano. Entretanto, desde o 1.º ano o professor cuidará de despertar em seus alunos o culto e o respeito por esses símbolos.

As crianças adquirirão uma atitude respeitosa ao ouvir ou cantar o Hino Brasileiro, bem como diante do Pavilhão Nacional.

*Campanhas de caráter cívico*

Iniciar a participação dos alunos em campanhas de saneamento, de economia, de proteção às aves e aos animais, de combate a insetos nocivos, a moléstias contagiosas, etc.

**Ciências Naturais e Higiene**

Uma boa compreensão do mundo real ajuda o homem a melhor adaptar-se às coisas, fenômenos e pessoas.

Esta compreensão resultará dos cuidados com que a escola dirigir o espírito da criança para a realidade e na formação do hábito de considerar esta mesma realidade objetivamente.

Longe de tolher a curiosidade natural da criança para o mundo externo, cabe à escola aproveitar essa inclinação instintiva para organizar o ensino das Ciências Naturais. Cabe-lhe criar oportunidades múltiplas e variadas a fim de que os "que é que é", os "porque", os "para que" dos alunos se multipliquem cada vez mais. A medida que amadurece o seu espírito, o interesse pelos aspectos superficiais e imediatos das coisas se deslocará para os mais profundos e, principalmente, para as suas relações.

Alimentando a curiosidade da criança e aprofundando a sua ânsia de saber, a escola lhe dará meios de se desenvolver, cada vez mais, pelo seu próprio esforço.

Libertar o espírito infantil das formas verbais, livrescas e, ao mesmo tempo, tornar mais ativo o pensamento, é próprio do método experimental. E, no ensino das ciências naturais, deve empregar-se este método de preferência aos outros.

Enriquecendo a observação espontânea da criança pela sua orientação em condições variadas, previamente determinadas, a escola conduzirá as novas gerações a uma visão mais penetrante e exata do mundo.

Mesmo na escola primária, é possível levar a efeito modestas experiências de Ciências Naturais, com o propósito de estimular o espírito de pesquisas.

O treino da observação, a discriminação das diferenças e semelhanças, a percepção das relações entre coisas ou fenômenos, a discussão sobre fatos observados e a exposição de julgamento próprio serão auxiliados por uma linguagem clara, pelo emprego de termos cada vez mais apropriados e precisos, pela apresentação de desenhos, esquemas e gráficos, pela modelagem e construção, pela organização do material de experiências ("o cientista pensa com as mãos"), pelo emprego usual de operações numéricas, etc.

Até hoje o ensino das Ciências Naturais, na escola primária, esteve bastante descuidado. Limitava-se, geralmente, a algumas noções elementares que, de modo rígido, abstrato e puramente verbal, transmitia o mestre aos alunos.

Não é esse o objetivo desta disciplina na escola. Para fazer o seu ensino de maneira mais eficiente, deveria o professor possuir uma boa cultura científica, adquirida através do método experimental. Mas com isto talvez não se possa contar ainda. Entretanto, não seria razoável suprimir as Ciências Naturais do ensino primário. Para resolver atualmente esta dificuldade, é preciso que o professor se instrua, à medida que ensina a matéria. Procurando conhecimentos em fontes diversas, observando, com os seus alunos, os fenômenos em estudo, e, em uma palavra, pesquisando ativamente, o professor empregará de fato o método preconizado nas ciências naturais. E, assim ensinando, aprenderá ele mesmo...

O mestre nada perderá de sua autoridade, quando a esta ou àquela pergunta ou questão do aluno, responder com um "não sei mais, vamos procurar saber". O seu prestígio, ao contrário, crescerá sobremaneira, se levar o aluno a elaborar ativamente a solução do problema. A escola primária de hoje precisa menos de mestres eruditos e de sua autoridade incondicional, do que de pessoas de espírito aberto e vivo, diligentes, amigas das crianças e do progresso. No en-

sino de todas as matérias exigem-se do mestre estas virtudes, e o das Ciências Naturais não constitui uma exceção, certamente.

\*

Cumprido ao ensino das Ciências Naturais e de Geografia, nas nossas escolas primárias, abrir os olhos da criança para a natureza que a cerca, sobretudo a natureza brasileira, fazendo com que ela ame o solo pátrio e conheça cada vez mais a sua terra e seus recursos. Cumprido à escola voltar as vistas do futuro cidadão brasileiro para a vida e o trabalho no campo, mostrar-lhe que a vida rural poderá ser realizada com grande proveito para o indivíduo e para o País, quando o homem trabalhar em condições higiênicas melhores, conhecendo melhor os fenômenos naturais e servindo-se de meios técnicos mais aperfeiçoados.

A Escola Pública deve desde cedo aproveitar os motivos que a vida rural lhe oferece para desenvolver seus alunos. Isto porque todo brasileiro, pela imensa extensão do País, pode possuir um lote de terreno para cultura, ter sua pequena horta, pomar ou criação. Esta cultura, além de lhe permitir eventualmente lucro material, virá beneficiar a sua saúde, introduzindo, na alimentação, elementos que concorrem para torná-la mais racional, como sejam: as verduras, as frutas, os ovos, etc.

Mais ainda: a agricultura, por mais reduzido que seja o seu campo, sempre dá ao homem, em contacto com a terra, sentimentos nobres, encantamento pelas coisas da natureza, alegria de ver o desenvolvimento da planta e, finalmente, o prêmio dos seus esforços, recompensados por uma boa colheita, desde que, entre outros fatores, este esforço seja racional.

Por mais paradoxal que pareça, o indivíduo nas cidades aproveita relativamente pouco das oportunidades que a vida lhe oferece para o uso da inteligência. A volta à terra sempre obriga o homem a pensar melhor, a usar a sua obser-

vação, raciocínio e esforço em torno de interesses mais estáveis, ocupações mais sérias e proveitosas. Assim, torna-se compreensível porque a escola pública deve incutir nos seus alunos, o mais cedo possível, este amor à natureza e à terra, e porque também lhes deve dar alguma orientação prática em torno dessa cultura.

O ensino das Ciências Naturais na escola primária, com suas aplicações práticas à vida, poderá ainda concorrer para impedir que os alunos deixem a escola, antes de alcançar as classes mais adiantadas ou de chegar ao termo do curso. E, releva acrescentar que, neste sentido, são indispensáveis esforços múltiplos em torno de todo o trabalho escolar, pois as estatísticas nos mostram quanto são pouco frequentados o terceiro ano e o quarto, em comparação com o primeiro e o segundo.

Uma vez que a criança aprendeu a ler e a escrever, muitos pais consideram a sua instrução suficiente e retiram-na da escola para entregá-la aos afazeres da casa ou do emprego.

Para segurar o aluno até o fim do curso primário, é mister fornecer-lhe conhecimentos práticos, úteis à vida, e que a família também os reconheça como tais.

Assim, a ligeira orientação no que diz respeito à jardinagem e à horta, de um lado, tratamento higiênico da criança, alguma iniciação à arte culinária e costura doméstica, de outro, que a menina também receberá desde o 3.º ano, servem precisamente a esse fim.

Nem sempre os pais compreenderão esta utilidade. Convém dar-lhes a necessária explicação sobre as vantagens dos trabalhos que se realizam nos últimos anos do curso, no sentido de conseguir que mantenham seus filhos na escola até a conclusão do mesmo. Deverá, portanto, esta parte do ensino primário ser particularmente cuidada, a fim de que, contribuindo para a permanência dos alunos na escola, os beneficie com um preparo mais racional para a vida.

### *Higiene e alimentação*

A saúde do povo é fator decisivo na prosperidade do País. Dela depende grandemente o caráter equilibrado e otimista do indivíduo e o rendimento do seu trabalho.

A escola pública cabe vigiar pela saúde da infância e esforçar-se por tornar os seus alunos mais resistentes e robustos. A Higiene e a Educação Física figuram no curso primário com esta finalidade. De um lado, elas têm por escopo, a formação de hábitos hígidos nos alunos e, de outro, abrir-lhes os olhos para as fontes reais da saúde e da doença. Cabe também à escola "clarear" o espírito do povo, libertando-o dos inúmeros preconceitos, superstições e práticas nocivas, em matéria sanitária.

Sendo a criança bastante sensível à beleza, a motivação estética pode ser empregada com grande proveito no ensino da Higiene e Educação Física. Convém orientar este ensino de tal maneira que a criança, empolgada por este ideal de beleza pessoal e da força da raça brasileira, seja um colaborador ativo na formação dos hábitos hígidos, na escola como no seu próprio lar.

O medo, que tão facilmente domina o psíquico da criança, deve ser usado com muito critério. Não lhe mostrar a miséria e as doenças em suas cores negras e horrorosas, pois que isto seria francamente prejudicial à saúde e ao caráter do aluno nervoso e apreensivo em relação a doenças.

Inculca-se na criança a idéia clara de que é preciso prevenir o mal pela prática de hábitos rigorosos de higiene, antes que tratar da doença com drogas exageradas e dispendiosas.

\*

O ensino das Ciências Naturais no primeiro ano deve pôr o aluno em contacto direto com a natureza. A coisa estudada deve ser do ambiente íntimo da criança ou a seu alcance, para que ela possa conhecê-la, desenvolvendo seus processos próprios de investigação e pesquisa, isto é, pegar,

cheirar, experimentar, etc. O fenômeno deve ser testemunhado por ela no momento em que se realiza, para que ela possa julgá-lo clara e concretamente.

No estudo dos animais, como, por exemplo, a rã, o que importa é que a criança saiba que se trata de um ser especialmente adaptado à vida em certas condições, e que procure descobrir sua organização especial, e como age no meio.

A mesma coisa com a planta. Não importa que a criança conheça tôdas as plantas, mas que saiba que elas vivem em determinadas condições de meio e que estão sujeitas a mudar quando essas condições variam.

Não se deve, por isso, estudar uma coisa e abandoná-la. Devem ser dadas simultaneamente tôdas as formas de vida dos animais e plantas, permitindo-se à criança familiarizar-se com elas durante todo o ano. Dessa maneira o seu espírito se vai abrindo à observação mais profunda e, aos poucos, concluindo e generalizando.

Os termos próprios à experiência que vão adquirindo devem ser dados, desde que o difícil não é o termo, mas a experiência.

O programa de Ciências do primeiro ano não contém noções para se transmitirem às crianças, mas pontos para observação.

Serão, principalmente:

#### *Quanto aos animais*

— Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem. Animais domésticos e selvagens; úteis e nocivos.

— Hábitos dos animais no ambiente em que vivem. Meios de defesa contra as intempéries. Insetos, seus característicos gerais. Metamorfose de insetos e outros animais.

#### *Quanto às plantas*

— Plantas como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem. Influência da estação sobre as plantas. Árvores mais comuns, seus característicos, sua vida.

As três partes da planta: raiz, caule e folhas. Diferença entre árvores e arbustos. Fenômeno da germinação.

#### *Quanto ao céu*

Observações simples sobre o céu.

Relação entre aspectos do céu e o tempo.

#### *Higiene*

A boa higiene como condição de vida para as crianças: asseio dos dentes, cabelos, orelhas, mãos e unhas; vestuário.

Combater hábitos de roer unhas, de pôr dedo na boca e no nariz, morder lápis, etc.

### FEVEREIRO E MARÇO

#### *Objetivo especial*

Levar a criança a observar como toda a vida se modifica para adaptar-se às modificações do tempo.

Tópico de que faz parte este estudo: O animal e as plantas, como seres vivos, adaptados às condições do meio em que vivem.

#### *Quanto aos animais*

- 1) Meios de defesa dos animais contra as intempéries;
- 2) Diferença entre animais domésticos e selvagens;
- 3) Hábitos dos animais domésticos.

#### *Quanto às plantas*

1) Influência das chuvas no desenvolvimento das plantas em geral, sementes: nas árvores frutíferas; nos jardins e hortas.

#### *Atividades:*

1 — Num dia chuvoso, observar os característicos do tempo:

- côr do céu;
- nuvens;
- vento;
- a chuva;
- como cai a chuva;
- de onde vem;
- como forma a enxurrada;
- direção da enxurrada;
- buciros (onde houver);
- como e onde a enxurrada se lança no rio ou como a água dos buciros vai ter ao rio.

2 — Observar como a chuva muda os hábitos de cada uma das pessoas da casa: do pai, da mãe, de outros parentes, etc., e das pessoas da escola;

— observar as cousas que fazem habitualmente e que a chuva impede de fazer.

3 — Como a chuva muda os hábitos de vida do lugar:

— observar o movimento nas ruas para notar a diferença;

— observar pessoas, animais, veículos;

— quais os trabalhos que se paralisam com as chuvas;

4 — Como nos defendemos da chuva;

— observar nas casas o que é especial para defesa contra a chuva:

— os telhados inclinados;

— a goteira das telhas;

— os escadouros d'água; as platibandas, etc.

5 — Como os veículos protegem seus passageiros da chuva; automóveis, bondes, caminhões, carroças, charretes, etc.

6 — Observar o que há nas ruas, especialmente com relação às chuvas:

— buciros e sargetas (dar os nomes);

— onde não há calçamento, observar o efeito da água sobre as ruas.

7 — Como os animais se defendem da chuva: Observar o meio de defesa dos animais domésticos;

— onde moram: báiás, chiqueiros, etc. (dar os nomes);

— como o homem os ajuda a se defenderem das chuvas;

— como os passarinhos e como os animais selvagens se defendem da chuva;

— Ler para as crianças a história: "Uma noite com uma onça" do livro "Histórias de Meninas em Casa e na Rua" de João Kopke e outras relacionadas com o assunto.

8 — Observar as tempestades:

— nuvens;

— vento;

— raios, trovões, relâmpagos;

— gotas.

— Conhecer a noção das crianças sobre esses elementos e desfazer crendices.

9 — Como nos defendemos das tempestades:

— para-raios: para que servem; os círculos que abrangem;

— para-raios próximo à escola, no caminho de casa, próximo à casa de cada um, etc. Mostrar o perigo de abrigar-se debaixo de árvores no campo ou de permanecerem montados em animais nas horas de tempestade.

10 — Comparar os efeitos da tempestade, propriamente dita, com os de uma chuva moderada:

— enchentes;

— desmoronamentos;

— prejuízos que acarretam para as plantas e para os animais;

11 — Levar a criança a observar todos os efeitos das chuvas sobre as plantas, de uma maneira geral:

— côr dos montes, folhagem das árvores em conjunto;

— desenvolvimento das plantas;

— desenvolvimento do limo e do musgo nas cascas das árvores, nos rios, nas pedras, nos muros, etc.

— crescimento das ervas nas ruas, jardins e hortas, etc.;

— Observar nas árvores frutíferas: — as fôlhas — os brotos e os ramos novos: flôres — frutos e sementes.

— Observar nos jardins: — todos os elementos que possam revelar a relação com as chuvas.

*Obsehar nas hortas:* — o que predomina, se frutos ou fôlhas.

NOTA: — Como as condições de tempo variam de lugar para lugar e por isso não podem ser previstas, o professor deve ler todo o programa do primeiro ano e fazer as adaptações que se lhe afigurarem necessárias. Não há mal em que os planos indicados para um período venham a desenvolver-se em outro. É preciso apenas acautelar-se relativamente à seriação da matéria.

Higiene: — Formação dos hábitos de asseio dos dentes, dos cabelos, das orelhas, mãos e unhas. Combater o hábito de roer unhas, de pôr o dedo na boca, no nariz, etc.

#### ABRIL, MAIO E JUNHO

Objetivo especial: — Levar a criança a observar as mudanças que se operam no tempo e como também se modifica a vida dos animais e das plantas.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais e as plantas como seres vivos adaptados às condições do meio e sofrendo-lhe a influência.

##### *Quanto aos animais*

- 1 — conhecer os pássaros mais comuns do lugar e seus hábitos;
- 2 — insetos e seus característicos gerais;
- 3 — conhecer outros animais que vivem em condições diferentes do meio;
- 4 — observar a metamorfose de alguns insetos;
- 5 — observar a vida de animais, num determinado ambiente.

##### *Quanto às plantas*

- 1 — conhecer as três partes da planta;
- 2 — diferença entre árvores e arbustos;
- 3 — observação do fenômeno da germinação;
- 4 — observação de plantas num determinado ambiente.

##### *Quanto ao tempo:*

— Característicos do tempo através de observação diária.

##### Atividades:

- 1) Fazer o registro diário do tempo para observar:
  - mudança na temperatura;
  - freqüência das chuvas;
  - aspecto do céu.
- 2) Estudar a vida do bosque ou de um canto do jardim e observar as suas modificações durante o ano, de acôrdo com o tempo, para familiarizar a criança com a vida das plantas e dos animais;
  - observar as qualidades de árvores e familiarizar-se com as suas fôlhas, flores, frutos e sementes;
  - diferenciar arbustos e árvores; conhecer os principais arbustos do bosque;
  - distinguir as três partes da planta; raiz, caule e fôlhas;
  - notar diferenças entre os caules, raízes das árvores e dos arbustos;
  - observar os pássaros que freqüentam o bosque;
  - conhecê-los pelo nome; pelo canto e pela plumagem;
  - procurar descobrir os motivos por que freqüentam êsse bosque;
  - procurar seus ninhos;
  - observar como e de que são feitos;
  - observar se têm ovos ou filhotes;
  - ver como se alimentam êsses passarinhos e ajudá-los na alimentação;
  - observar quando mudam de penas e porque;
  - quando fazem os ninhos.
- 3) Observar os insetos do bosque:
  - apanhá-los vivos e levá-los para a classe separados uns dos outros.

— apanhar crisálidas, larvas e casulos e levá-los para a classe nos ramos ou fôlhas onde foram encontrados. Observar a metamorfose das crisálidas;

— procurar observar a época em que há maior número de insetos no bosque.

4) Observar de perto os insetos colecionados.

Distinguir as partes e característicos:

— a pele dura externa (quitina);

— os três pares de pernas;

— três partes do corpo — cabeça, tórax, abdome.

5) Observar de que se alimentam, como se locomovem, e como as partes do corpo são diferentes em cada inseto (sem outras sugestões).

NOTA: — É indispensável que a criança estude os animais e plantas no seu próprio ambiente e, para isso, sugtue-se o bosque. Se a escola não possui um bosque substitua-se o estudo do bosque pelo estudo da vida de uma árvore.

Outras atividades:

1 — Observações na horta e no jardim para comparar com as do período anterior.

2 — Observação das fases da germinação: — colocar grãos de ervilha e de feijão para germinar sobre o algodão. Comentários diários sobre tôdas as fases da germinação, usando os termos próprios.

3 — Plantio de flores de ciclo rápido em latas ou caixotes para familiarizar a classe com a vida das plantas: papoulas, esporinhas, flocus, etc.

4 — Plantio de bulbos e batatas de flores para familiarizar a classe com diferentes aspectos da germinação.

#### Peixes

Objetivo especial: — Observar os peixes vivos para saber como vivem:

a) a forma do peixe;

b) meios de defesa;

c) a boca;

d) meios de locomoção;

e) em que direções se movem;

f) para que servem as escamas;

g) como dormem;

h) como respiram;

i) observar o movimento dos peixes e procurar explicá-lo.

Contar fatos interessantes sobre a vida do peixe.

Higiene: — Prosseguir na formação dos hábitos indicados no período anterior.

Sugerir atividades para as férias:

1 — Observar como os animais domésticos se defendem do frio;

2 — organizar um álbum de "Novos Animais" — usando gravuras ou desenhos;

3 — observar os hábitos dos animais domésticos: — como se alimentam;

— onde dormem e como dormem;

— o que fazem;

— como se defendem do frio;

— como os ajudamos a se defenderem do frio;

4 — Colecionar fôlhas e sementes mais interessantes.

5 — Apanhar casulos, crisálidas, larvas e insetos para serem observados na aula.

6 — Colecionar gravuras; de flores e de animais;

7 — Fazer histórias desenhadas sobre animais.

8 — Fazer um álbum de animais selvagens.

#### JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Objetivo especial: — Como os animais se defendem do frio.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais e plantas como seres vivos, adaptados às condições do meio em que vivem.

*Quanto aos animais:*

1) — Meios de defesa dos animais contra as intempéries.

*Quanto às plantas:*

1) — plantas que dão sementes, batatas ou bulbos nessa ocasião;

2) — efeitos de geada sobre as plantas.

Atividades:

1) — Verificação do trabalho de férias com relação a esse assunto.

2) — Registro diário do tempo para o comentário da mudança que se operou desde o primeiro trimestre.

3) — Como os animais se defendem do frio:

— Desenvolvimento de acordo com o plano sobre a defesa das chuvas do período — *fevereiro e março*.

4 — Observar como a atividade dos insetos e dos pássaros diminui no tempo de frio.

5 — Como os animais selvagens se defendem do frio.

6 — Os peixes e a defesa contra o frio, observações e informações.

*Outras atividades:*

1 — Comparar as observações neste período, no bosque da escola, com as do período anterior.

Observar algum aspecto particular das plantas com relação ao frio:

— quedas das folhas;

— número de brotos;

— quantidade de frutos, sementes, flores, etc.

2 — Continuar a observação e o trato das plantas de classe:

3 — Plantio de árvores no "Dia da Árvore".

4 — Concurso de vasos e jardineiros das classes.

*Estudos dos animais*

Objetivo especial: — Observação da metamorfose dos ovos do sapo para familiarizar a classe com animais de constituição e de hábitos diferentes.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

1 — Observar a metamorfose dos ovos do sapo:

a) apanhar ovos de sapo com a massa gelatinosa que os envolve (os ovos estão bem no fundo).

b) colocá-los num aquário ou numa vasilha grande com plantas aquáticas (na falta destas muda-se a água diariamente);

c) observar o desenvolvimento do ovo;

d) contar os dias necessários para que a massa comece a mover-se;

e) observar a mudança de forma;

f) como o gerino sai da massa gelatinosa;

g) aguardar o aparecimento das pernas;

h) observar a cauda (vai sendo absorvida aos poucos);

i) observar a diferença entre as pernas de trás e as da frente;

j) alimentá-los com plantas aquáticas ou carne bem passada na máquina.

2 — Colocar dentro do aquário uma pedra que alcance a superfície da água, a fim de que possam ter vida aérea.

3 — Depois de desenvolvidos, mantê-los no jardim da escola e continuar a observá-los.

4 — Observar como mudam de pele e porque.

5 — Desenhar uma história com todas as fases dessa atividade, desde a aparição dos ovos até a completa evolução.

*Bibliografia* — Floricultura Brasileira n.º 215 — Pequenos Lagos e Aquários.

6 — Observar a metamorfose de larvas e crisálidas — Espargir, freqüentemente, um pouco de água sobre as crisálidas e deixá-las em lugar arejado.

7 — Observar uma galinha a chocar:

- a) comparação das penas e do cacarejar de uma galinha choca com as penas e o cacarejar de galinhas poedeiras.
- b) observar a maneira como ajeita os ovos com os pés e o bico — a posição dos ovos;
- c) marcar os dias do choco;
- d) cuidados com a galinha — flitá-la freqüentemente para evitar parasitas;
- e) a melhor maneira de fazer ninhos, etc.;
- f) observar os ovos bicados e depois os pintinhos;
- g) observar uma saliência no bico do pinto para auxiliá-lo a bicar o ovo para sair da casca;
- h) porque não alimentá-los antes de 24 horas;
- i) observar a diferença do pinto em horas;
- j) observar como a galinha protege e defende seus pintinhos;
- k) comparar as penas da galinha com a dos pintos;
- l) procurar o ouvido e o nariz da galinha;
- m) porque vira a cabeça de um lado para outro;
- n) como bebe água;
- o) observá-la diariamente durante alguns dias.

Levar a criança a desenhar a história inteira de "A galinha que chocou."

## OUTUBRO E NOVEMBRO

### *Estudos dos animais*

Objetivo especial: — Conhecer a vida de um passarinho útil, comum no lugar.

Tópico de que faz parte este estudo: — Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Pontos a serem dados:

- a) conhecer o macho e a fêmea;
- b) sua alimentação e seus ninhos;
- c) postura — época e número de ovos;
- d) relação entre os pés, bicos e asas com seus hábitos de vida;
- e) inimigos e como combatê-los.

Bibliografia para o professor:

— "Pássaros do Brasil" e "Da Ema ao Beija-Flor" — de Eurico Santos.

2) Apanhar borboletas noturnas e diurnas e observá-las (sem outras sugestões).

### *Estudo das plantas*

Objetivo especial: — Observar a beleza dos jardins, campos, prados e montes — Guardar sementes para serem plantadas noutra ocasião.

Conhecer as flores mais comuns pelo perfume, pétalas, etc.

No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) são sensíveis aos fenômenos e às coisas da natureza;
- 2) têm uma experiência rica com animais e plantas do seu meio;
- 3) conhecem as partes essenciais da planta;
- 4) identificam árvores, flores e frutos mais comuns ao seu meio;
- 5) usam e compreendem os termos relacionados com a experiência adquirida, como germinação, desenvolvimento, crescimento, atividade, etc.;
- 6) melhoraram a maneira de alimentar-se;
- 7) compreendem a necessidade de uma horta em casa;
- 8) conhecem alguns insetos e pássaros mais comuns no lugar e algumas condições de sua vida.

## Edução Física

A vida atual exige a educação intelectual, moral e cívica do homem, porém, o seu desenvolvimento requer alicerces: — a educação do corpo, a Educação Física.

A Educação Física disciplina os músculos e a vontade, dá ritmo ao esforço e constância nas lutas.

Sendo sua obrigação primordial cooperar na formação da raça brasileira, contribuindo para fixar e exaltar os bons predicados de uma personalidade, pela aquisição de hábitos.

habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento de resistência orgânica e moral, a Educação Física desempenha o único papel que lhe pode ser atribuído. E é na sua execução que vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica de nosso povo.

Partindo d'êste princípio, o professor de Educação Física deverá orientar suas lições, os exercícios e as práticas de modo a despertar em seus alunos o sentimento de civismo.

Na ordem de um simples movimento, de marcha ou cadência, de uma ginástica ritmada, podemos descobrir elementos preciosos de disciplina, de domínio da vontade, de fatores indispensáveis na conquista de qualidade de real valor cívico.

Aperfeiçoando o corpo e robustecendo-o, a juventude crescerá sã e forte, beneficiando não apenas a si mesma, mas sobretudo a Pátria.

E lutando contra a inércia, o sentimentalismo e o servilismo que a criança poderá livrar-se dos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, à sua elevação até o cidadão útil, até o patriota entusiástico. E essa luta só poderá ser iniciada se a criança possui força de vontade, destreza, saúde, vitalidade, qualidades que lhe serão aumentadas e quicá criadas pela Educação Física consciente, isto é, *continuada, alterada, graduada, sistematizada e atraente*.

O ritmo é aconselhável a qualquer método. Ao compasso e ao som da música, os exercícios físico despertam maior interesse, porque a música atua, forte e profundamente, em todo o nosso ser, em a nossa alma, em o nosso cérebro.

\*

“O corpo e o espírito devem ser objeto da mesma solicitude, e o ser humano precisa ser desenvolvido integralmente.”

Devemos reagir enérgicamente e combater as causas do enfraquecimento físico, que provocam o enfraquecimento moral e mental.

A Educação Física bem compreendida não é um meio de se conseguirem massas musculares fortes, vigorosas. E' a conservação da saúde, o desenvolvimento harmonioso do corpo, a formação de hábitos e aptidões mentais, que resultem em bem da educação moral e intelectual.

A Educação Física forma o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cômico do seu valor e das suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais capaz, mais hábil, mais veloz, mais dextro, mais ágil e predisposto a resistir às intempéries, às variações dos climas, a suportar os revezes da vida, a vencer dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos.

Um exame característico das atividades físicas mostrará quão ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral, na escola, treinando caracteres.

\*

A Educação Física será corretiva, porque visa assegurar uma boa postura do corpo; porque combate à sedentariedade; porque corrige as constituições franzinas e defeituosas, pela respiração abundante, pelos movimentos coordenados; porque corrige os defeitos físicos adquiridos e minori os que são congênitos; porque corrige, regularizando, as funções fisiológicas, fortalecendo e ampliando o tórax, ativando uniformemente a circulação, facilitando a eliminação residual.

Os exercícios devem ser conduzidos de tal forma que produzam os efeitos que d'êles se esperam: saudável atividade dos sistemas circulatório, excretório, muscular e nervoso.

A Educação Física será recreativa, porque recreia o espírito, dando o prazer e a alegria, tão necessários à vida como o pão. Para se auferirem dela todos êsses benefícios é mister que seja articulada com o ensino das demais disciplinas, com as quais deve formar um conjunto harmônico.

A prática, porém, deve ser orientada de tal modo que não sejam escolhidas atividades inadequadas à constituição dos educandos, evitando abusar-se das possibilidades de cada um, o que acarretará o esgotamento, a fadiga, em prejuízo do desenvolvimento normal do esqueleto, e concorrerá para o desequilíbrio das funções orgânicas. A diminuição da capacidade de estudo, a perda do peso e do apetite, a astenia geral são as conseqüências de abusos, que se devem evitar na escolha e na graduação metódica dos exercícios.

\*

Tudo fará o professor para que se evite submeter ao mesmo exercício crianças que nunca foram examinadas, de coração deficiente, de órgãos cujo funcionamento se ignora e portadoras de defeitos físicos. A fadiga não é a mesma para todos: os resultados não são idênticos.

Conhecer, pois, a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao professor sor. Constitui a base em que se poderá firmar e orientar o ensino, para que seja feito racionalmente.

Com esses conhecimentos é que poderá o professor obter o agrupamento homogêneo das crianças para a prática da Educação Física; obedecendo não apenas à idade cronológica e escolar, mas, essencialmente, a tipos morfofisiológicos, diagnosticados previamente pelo exame médico e antropométrico.

O agrupamento homogêneo é executado pela comparação dos dados biométricos de cada aluno com os das escolas avaliadas para esse fim, obtidas por meio de dados estatísticos. Não existindo, entretanto, até agora, entre nós, as referidas escalas, as medições serão feitas, inicialmente, com o objetivo de colher os dados que futuramente servirão para a organização das escalas.

A classificação por grupos obedecerá à seguinte ordem:

1.º grupo — crianças em cujas qualidades morfofisiológicas se grupam em torno do mínimo normal e do máximo;

2.º grupo — crianças cujas qualidades morfofisiológicas se encontram no mínimo da escala. Entre estas se incluem as crianças cuja desproporção entre o peso e a altura é excessiva, demonstrando desnutrição acentuada ou que são portadoras de estado doentio passageiro, não incompatível com a Educação Física;

3.º grupo — crianças que apresentam insuficiência notáveis, susceptíveis de correção, mediante exercícios especiais. Este grupo será decomposto em tantos sub-grupos quantas forem as necessidades de exercícios especiais.

Esses três grupos podem ser reunidos em duas turmas básicas:

1.ª — normais — constituídas pelas crianças do 1.º grupo;

2.ª — deficientes — constituídas pelas crianças do 2.º grupo e do 3.º.

Será a maneira mais racional de se adaptarem os trabalhos às necessidades atuais da escola.

*Assistência médica* — Ao médico, como colaborador que é do professor de Educação Física, sempre se reserva um papel saliente na Escola.

O exame dos alunos, separando-os em grupos de normais e débeis orgânicos, fornecerá meios ao professor de seleccionar as crianças de modo que se possa "pedir e dar a elas o que é adequado ao seu desenvolvimento."

O médico indicará os alunos que devam ser excluídos das atividades físicas ordinárias, mostrando deficiências e prescrevendo exercícios especiais apropriados às condições físicas desses alunos.

O médico escolar iniciará suas atividades após o começo do ano letivo.

*Exame antropométrico* — O exame antropométrico determinando o valor físico do examinando, de modo a satisfazer, embora sumariamente, às necessidades da divisão em turmas homogêneas, fornece dados para a verificação dos resultados da Educação Física.

O exame antropométrico será feito pelo professor, com auxílio da enfermeira escolar, onde houver, limitando-se a

um número indispensável de medidas necessárias à classificação do estado físico das crianças, suas deficiências e excessos.

As medidas efetuar-se-ão pelo menos uma vez por ano e no princípio do ano letivo e o confronto entre elas deverá ser feito para que o professor assinala as diferenças de desenvolvimento, no lapso de tempo decorrido, e tenha base segura para avaliar os resultados dos exercícios.

A apuração das medidas será feita com o maior critério, a fim de que não haja prejuízo nos objetivos visados.

*Ficha de educação física* — Os resultados dos exames serão consignados em ficha iniciada quando a criança começa a sua educação física e a acompanhará, quando se transferir para outro estabelecimento.

As medidas indispensáveis são:

Estatura

Pêso

Perímetro torácico

Envergadura (para os alunos do 4.º ano).

O material necessário à tomada dessas medidas resume-se no seguinte:

Uma balança;

Uma toesa

Uma fita métrica, metálica sempre que possível.

O exame biométrico será feito, em igualdade de condições, quando as crianças estejam em repouso.

*Pêso* — Com o mínimo de vestuário possível. O aluno ficará imóvel no centro do estrado da balança, que deve ter sido cuidadosamente aferida. Registrar-se-á o pêso com precisão até 100 grs., evitando-se tomá-lo depois das refeições principais.

*Estatura* — Deve ser tomada com o aluno em posição ereta, descansado, de costas para a toesa, tocando a parede com os calcanhares unidos (pontas de pés abertas), com as nádegas e o dorso, a cabeça orientada segundo o plano horizontal. A medida da altura ou estatura pode ser feita por qualquer processo, inclusive por meio de uma fita métrica, em boas condições, esticada e colada convenientemen-

te a uma parede vertical. O antropômetro ou uma boa toesa constituem os processos de manêjo mais aproveitáveis.

*Perímetro torácico* — Meninos: na altura da base do apêndice xifóide; meninas: sob as axilas. Registrar-se-ão os dados em centímetros. Ter-se-á cuidado para que a fita não fique torcida e esteja em perfeita horizontalidade. Tomar-se-ão três medidas: da criança em repouso, inspirando e expirando. Essas medidas devem ser tomadas diretamente sobre a pele.

*Elasticidade torácica* — Será obtida pela diferença entre as medidas tomadas em inspiração e expiração.

*Envergadura* — Em pé, de costas para o quadro mural, tocando a parede com as nádegas e o dorso; abrir os dois braços horizontalmente, as mãos espalmadas com o dorso voltado para a parede. Medir a distância entre as extremidades dos dedos médios. Registrar em centímetros.

*Observações do professor* — Na ficha de Educação Física há espaço para as observações do professor, no qual será anotado o que no organismo do aluno houver de extraordinário, não previsto pelo exame biométrico ou clínico.

Por essas observações se orientará a correção de hábitos prejudiciais e serão prescritos hábitos de higiene que o aluno deve adquirir.

\*

As seguintes regras e preceitos de higiene devem ser observadas pelo professor em relação ao aluno:

*Local* — As aulas de educação física devem ser, de preferência, dadas ao ar livre.

Em caso de mau tempo, chuva ou sol excessivo, utilizar-se-á o professor de galpões ou pátios cobertos.

Os exercícios, partindo das posições de sentado ou deitado, nunca devem ser praticados em pátios úmidos, empoeirados ou cheios de gorgulhos. Devem ser preferidas as áreas gramadas, cimentadas, ladrilhadas ou assoalha-

das, rigidamente limpas. No caso de se dispor das áreas cimentadas ou lajadrilhadas, deve-se evitar que as crianças permaneçam longo tempo deitadas.

Não se deve colocar a classe frente para o sol ou para paredes claras.

*Horas de trabalho* — As horas de trabalho devem ser fixadas de maneira a não perturbar a digestão dos alunos.

Os exercícios físicos, não podendo ser feitos às primeiras horas da manhã ou às últimas da tarde, deverão começar duas horas pelo menos depois das principais refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

*Uniforme* — Para a prática da Educação Física é necessário que as roupas sejam amplas, não comprimam o tórax, o abdome, o pescoço, as pernas ou os braços. O uso de um uniforme apropriado, de acôrdo com a estação, é recomendável.

*Temperatura e condições climáticas* — Levar-se-á na maior consideração a temperatura, ao se organizarem e ao se conduzirem os exercícios.

Terminada a aula, tomar-se-ão os cuidados necessários ao asseio.

*Fadiga* — O trabalho físico nunca deve ser levado até o estafamento. Uma fadiga ligeira que desaparece depois de alguns minutos de repouso não deixa traços prejudiciais no organismo; não acontece o mesmo com a estafa que é acompanhada de inapetência e de insônia, lassitude geral e mesmo de febre.

O professor devera conhecer os sinais gerais e particulares da fadiga, a fim de moderar o ardor dos alunos cuja resistência geral pareça um pouco forçada. Evitará adicionar uma fadiga física excessiva ao cansaço intelectual, casos possíveis nos últimos anos do curso primário.

Fará que executem exercícios fáceis, de caráter recreativo, que requeiram um mínimo de despesas nervosas.

*A educação física elementar ou pré-pubertária interessa às crianças de 4 a 13 anos, mais ou menos*

Neste período, a criança, em pleno crescimento, tem, antes de tudo, necessidade de uma saúde vigorosa. A E.F. que ela deve praticar será higiênica e corretiva, com tendência ao desenvolvimento das grandes funções respiratória e circulatória, bem como a articular, e educação do sistema nervoso, sem, contudo, visar desenvolver sistematicamente os músculos.

O ciclo elementar subdivide-se em 4 graus:

1.º grau — 4 a 6 anos;

2.º grau — 6 a 9 anos;

3.º grau — 9 a 11 anos;

4.º grau — 11 a 13 anos, sempre, porém, impondo-se a homogeneidade de seus componentes. A E.F. deverá ser objeto de vigilância constante do médico, sempre que se possa obter a colaboração deste. Para a classificação inicial nenhuma prova será exigida, além do exame médico.

#### JOGOS

O uso dos jogos tem profunda significação no concreto ao indivíduo e à coletividade, através dos seus efeitos de conservação da vitalidade física, moral e social. *Os valores educacionais dos jogos só podem ser apreciados por quem tenha reparado de perto os seus efeitos.* As crianças que são desanimadas, retardadas, indolentes; que observam pouco o que as cerca; que reagem vagarosamente a um estímulo externo; que são numa palavra, lentas para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências, por meio de jogos inteligentemente ministrados. Os interesses naturais de uma criança normal levam-na a preferir jogos diferentes em diferentes períodos do seu desenvolvimento. Suas próprias forças na sua evolução natural procuram instintivamente elementos do jogo que contribuam para a satisfação das tendências próprias das fases do seu desenvolvimento. Os jogos constituem a

forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar. *Adaptam-se às aptidões físicas da criança, como às suas necessidades morais.* São, ao mesmo tempo, higiênicos e recreativos. Os jogos, entretanto, não podem constituir, por si sos, um método completo de Educação Física. É necessário que sua ação seja continuada e completada por exercícios cuja técnica, sob o ponto de vista fisiológico e mecânico, influa com efeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funções e as faculdades motoras. Os jogos devem ser praticados com liberdade, com entusiasmo e com a máxima alegria. Devem ser classificados pelos seus característicos com relação aos interesses da criança nas suas diversas fases de desenvolvimento. Na classificação baseada no interesse, observamos que a ordem dos grupos é a seguinte:

a) *Jogos de personificação* — São aqueles em que a criança se encarna numa personalidade humana, ou num animal, ou coisa, vivendo o papel que representa, apelando para o próprio senso dramático e imaginativo, como, por exemplo: — imitar um ratinho, um gato, um galo que canta, um gigante, um médico, etc. Está ela em período de egocentrismo acentuado, em que, jogando sozinha, é, ao mesmo tempo, causa e efeito, isto é, realiza e sente a satisfação do jogo, isolada do próprio ambiente, o qual não se acha relacionado com o cenário por ela idealizado.

b) *Jogos de ataque e defesa, de objetivação direta e concreta* — São jogos que conservam os mesmos característicos da personificação dos precedentes, aumentados com a introdução de um companheiro, e em que o atacante experimenta a emoção de domínio, e o atacado, a de defesa. Exemplos: — "O gato e o rato", "O caçador e o veado", etc.

Tanto os primeiros como estes são jogos de pouca duração e que atingem o objetivo rapidamente, envolvendo pouco poder de atenção e resistência física; requerem pouca agilidade e as suas regras são rudimentares. *São jogos que enfraquecem, na criança, a predominância da consciência do eu e estimula, pouco a pouco, a aquisição do interesse pelo contacto com os companheiros.*

c) *Jogos em grupo* — São jogos constituídos de leis rudimentares (regras) às quais a criança se submete com extraordinária espontaneidade, contribuindo com a sua justiça intuitiva para a boa prática dos mesmos (acórdos momentâneos).

A criança continua exercitando-se nas tendências descritas nos jogos anteriores, aparecendo *agora novos elementos, capazes de desenvolver as qualidades de associação. Ela atua e sente com a alma do grupo, ensaiando, de tal maneira, o próprio espírito de cooperação, sacrifício, iniciativa própria e sugerida, e de coragem própria ou refletida do grupo.* Tais jogos aparecem no período de transição entre o sentimento egocêntrico e o gregário. Exemplos: — ("Corra seu urso", "Nunca três").

d) *Jogos de grupo contra grupo, com participação individual por ordem* — São Jogos em que dois lados se opõem, em que cada membro de cada grupo atua um contra o outro, de cada vez. Este grupo é uma progressão do anterior, com os seguintes característicos específicos: *a criança tem atuação própria, porém, controlada pela responsabilidade que assume para com o grupo de que faz parte; desenvolve a acuidade visual; acentua a própria destreza de movimentos; a própria iniciativa; a confiança em si; inicia o espírito de lítica para resolver, com rapidez e eficiência, as situações do momento.* Exemplos: Apanhar o lenço.

e) *Jogos de grupo contra grupo, com participação coletiva* — São jogos em que todos os jogadores participam ao mesmo tempo de atividades coordenadas. Cada um trabalha de per si, concorrendo para a satisfação das suas emoções, e é, ao mesmo tempo, impellido pela responsabilidade na conquista do ideal coletivo do grupo de que faz parte. Na atuação, o jogador tem que atender não só aos ditames da sua consciência, dirigida pelos estímulos ambientais, como também à influência direta emanada dos companheiros.

As regras já são em si definidas e oferecem aos jogadores situações em que cada um ora as aplica, ora se submete a elas.

Há um treinamento da mútua subordinação entre o sistema nervoso e muscular, manifestada na rapidez quase instantânea entre a formação das imagens nos centros dos sentidos e a sua transformação em ação motora; rapidez essa imposta pelas circunstâncias em que se apresentam os estímulos indicando a ação. Exemplos: — Branco e preto.

f) *Jogos de "team"* — Entraremos agora a tratar dos jogos de "team", que encerram em si todas as leis sociais, na sua mais alta expressão. Segue-se, até essa fase, passo a passo, a evolução do jogo associada ao desenvolvimento da criança e com os jogos de "team" entra-se em esfera de vasta extensão.

Em vista dos objetivos tão complexos dos jogos de "team", necessário é um preparo prévio do educando, por meio de outros que abram todas as válvulas de descongestionamento das tendências predominantes em cada fase de sua evolução.

Chegando a esse ponto, nota-se que alguns caracteres declinam e outros, igualmente pronunciados, tomam seus lugares. Todos trabalham juntos para um fim comum, imediato — a vitória.

*O principal característico dos jogos de "team" é a cooperação de todos.*

*Os traços de caráter requeridos e cultivados por um trabalho em "team" são altamente valiosos na vida prática e social.*

Essa classe de jogos requer o máximo de força de percepção, e habilidade para agir rápida e acertadamente, em uma situação de mudanças bruscas; requer raciocínio e julgamento rápido.

\*

A criança, ao entrar na escola, necessita de atividades que sejam uma "compensação" às atividades do lar. É preciso dar-lhe uma ginástica racional, aplicável à idade. Assim, o exercício ser-lhe-á conscientemente adaptado. A criança tem fertilidade de imaginação e capacidade de aproveitar o espírito criador na reprodução de cenas reais, que

observa a cada passo. O bom educador deve transportar essa situação da vida para a escola, procurando meios de proporcionar à criança situações reais e espontâneas. Deve colocar-se ao nível dos alunos, sempre que possível executando com eles movimentos que a sua imaginação fértil e ingénua sugerem: cantar, correr, saltar, imitar o movimento da locomotiva, o voo dos pássaros, etc. O método de ensino estará na observação. Assim, a participação ativa do professor será um estimulante e excitará a atividade infantil. A terminologia empregada será ao alcance da criança: — Venham até aqui: Formemos uma roda! Vamos correr! A sopa está quente; vamos esfriá-la! Fiquem à minha frente! Façam como eu! etc.

Observados esses princípios, será organizada a lição, com atividades dentro do plano geral.

As histórias dramatizadas são recursos de que pode usar o professor.

A passagem da ginástica para o 3.º grau se fará sem solução de continuidade, pouco a pouco, desde que a do 2.º grau já não seja suficiente para satisfazer às necessidades crescentes do organismo, aumentando-se para o 4.º grau as dificuldades dos exercícios educativos. Começam aí as aplicações de fraca intensidade.

#### *Lição de Educação Física*

Turma do 3.º grau, ciclo elementar

Duração — 25'

Hora —

Local —

Uniforme —

Material —

S. P. — 2/10 da lição (5')

Ev. — Marcha lenta, batendo com os pés

Flexionamentos:

Br. — Elevação horizontal dos braços (diferentes planos);

Pr. — Mãos nos quadris — Flexão e extensão das pernas, joelhos afastados.

T. — Afastamento lateral, mãos nos quadris — Inclinação lateral do tronco.

— Cmb. — Elevação vertical dos braços, elevação da perna estendida (só num plano).

Ass. — Tocar o sino com um braço e girar a manivela com outro.

Cif. — Afastamento lateral, com elevação dos braços estendidos.

L. P. D., 7/10 da lição (17,5)

M — Marcha alongada com grande balançamento dos braços.

T — O firlador d'água (mímico).

S — Saltitar com afastamento lateral das pernas (educativo).

L. T. — O cântaro ou o pote de manteiga (educativo).

C. — Elevação alternada dos joelhos (educativo).

L. — O moinho de vento (mímico).

A. D. O boxeador (mímico).

Jogos — O poste humano (T).

Cara e coroa (C).

V. C. 1/10 da lição (2,5).

Marcha lenta com ex. respiratório.

Marcha com canto.

Ex. simples de ordem.

\*

Sessão preparatória

1 — Formações:

Em linha, em uma fileira

Em coluna por um

Em círculo

2 — Evoluções e rodas:

Marcha sem cadência

Marcha cadenciada

Marcha normal em diferentes cadências

Rodas:

Ciranda, cirandinha

Na fonte do Tororó

Na ponte do Venâncio

Carneirinho, carneirão

Passa-passa gavião e muitas outras, de acôrdo com o interesse da criança, as tradições locais e sobre molivos brasileiros.

3 — Flexionamentos:

a) Posições de partida:

Posição fundamental

Mãos nos quadris

Afastamento lateral

b) Flexionamento dos braços:

Elevação horizontal dos braços (um plano)

Elevação vertical dos braços (um plano)

Flexão dos antebraços (um plano)

Flexão dos antebraços com extensão dos braços para frente, vertical e lateral

c) Flexionamento das pernas:

Mão nos quadris: elevação do joelho (para a frente)

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (para a frente)

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna (para a frente)

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados).

d) Flexionamentos do tronco:

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco

e) Jogos respiratórios (alguns exemplos)

Cheirar a flor

Apagar a vela

A sopa está quente

O foguete

A sirene

O espirro

Lição propriamente dita

1) Marchar:

a) Movimentos mimicos:

Marcha do pega ladrão

O papão e o pequeno polegar

O anão e o gigante

O pato

A centopéia

2) Trepar:

a) Movimentos mimicos:

O tirador d'água

O limpador de chaminé

João Grande

O carangueijo

O carrinho de mão

3) Saltar

3) Movimentos mimicos:

O polichinelo

O sapo

O tziu

Atravessar o córrego

Um pé machucado

4) Levantar e transportar:

O carregador d'água

Os cavadores

O serrador

O tocador de sino

Os remadores

5) Correr:

A pêndula

O aeroplano

A revoada de pássaros

O ciclista

O cavalo de circo

6) Lançar:

O malabarista

O moinho de vento

O ceifador

O laçador de boi

7) Ataque e defesa:

Mãos queimadas

O carpinteiro

O boxeador

O rodopio

O pneumático está vazio

Jogos — Dentro do espírito e da organização dos seguintes ex.:

O gato no poleiro

A perseguição aos pernetas

As formiguinhas e sua presa

O lobo e os carneiros

A bola ao pote

O maneta é senhor em sua casa

c) Volta à calma

1) Marcha lenta com exercícios respiratórios

2) Marcha com canto ou assobio

3) Exercícios simples de ordem, curtos e variados.

## Trabalhos Manuais

### INTRODUÇÃO

Os trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho têm uma importância pedagógica que nunca é demais encarecer, em virtude da grande soma de valores que apresentam.

São eles, incontestavelmente, instrumentos indispensáveis a fixação de fatos já compreendidos; meios valiosos para a concretização de idéias abstratas; motivos para novos estudos, novas indagações.

Com efeito, a simples construção de uma casinha de madeira ou de papelão permite à criança aprender, verificar,

fixar, uma série de noções estudadas em classe, enquanto desenha, mede, compara e constrói, observa planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, ou resolve situações imprevistas, para o que se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos.

Se uma noção, ao invés de ser dada ao aluno por informações, exigir que ele a concretize, realizando algo por suas próprias mãos, esta noção deixará um traço sensível no seu espírito. Incorporar-se-á à sua bagagem de experiências e contribuirá para o desenvolvimento de suas capacidades.

Uma vez que são meios tão poderosos de educação, os Trabalhos Manuais e o Desenho não podem ser considerados sobrecarga dos programas. Tão pouco podem ser considerados matéria independente. Como processo de expressão e material intuitivo, a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das outras matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil, concretizando e completando conhecimentos.

Ressaltam daí as questões seguintes:

1) Os Trabalhos Manuais, o Desenho e a Modelagem não constituem uma disciplina a mais no curso primário. Atividades auxiliares da aprendizagem, devem ser correlacionadas às realizações da classe.

2) É mister que haja perfeito entendimento entre a professora de classe e a professora de trabalhos manuais. Os planos desta se basearão, por força, nos planos daqueles projetos, excursões, dramatizações, etc. Por exemplo, na confecção de mapas, álbuns, quadros, nos trabalhos de marcenaria e nas atividades dos clubes rurais (jardinagem, horta escolar, ensaios de avicultura, apicultura, etc.), cabe à professora de trabalhos manuais atuar junto da professora da classe, colaborando com ela, acompanhando o desenvolvimento de seus planos de aula, aproveitando-se destes para esta representação gráfica ou aquela confecção manual ou concorrendo com uma e outra para ilustração dos estudos que as crianças fazem.

3) Na realização dos trabalhos manuais, como na de quaisquer outros trabalhos, deve aproveitar-se ou estimular-se a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça, etc. E mais, o trabalho deve ser tanto quanto possível o produto do esforço infantil — trabalho da inteligência imaginando o que fazer e das mãos realizando o que a inteligência imaginou.

As atividades sugeridas neste programa são baseadas nas prováveis necessidades e possibilidades da escola: jardinagem, horticultura, costura, trabalhos em madeira, fibra, taquara, tábua, arame, argila, etc., tudo isto de grande alcance econômico e, ao mesmo tempo, incentivo ao desenvolvimento das artes populares.

Será de grande vantagem que se organize uma exposição permanente, dos melhores trabalhos manuais, não só para estimular o interesse por estas atividades, como também para tornar sugestivo o ambiente escolar, renovando os mostruários, à medida que outros trabalhos vão sendo concluídos.

O estudo sistematizado da Bandeira Nacional, previsto neste programa, pelos alunos de todos os anos do curso, e a sua confecção no 4.º ano é assunto merecedor de especial carinho das professoras, pois é necessário que a criança conheça desde cedo o símbolo da Pátria, para melhor amá-la.

\*

### *Trabalhos Manuais com Língua Pátria*

#### 1 — Desenhar:

- a) livre e espontaneamente, de modo a dar oportunidade à criança para revelar suas experiências, interesses e aptidões;
- b) cenas principais de histórias inventadas pelas crianças ou contadas pela professora;
- c) idem, idem, de uma dramatização, etc.

2 — Colorir:

- a) gravuras relacionadas com a leitura;
- b) esboço de cenas referentes a histórias conhecidas da classe;
- c) histórias mudas desenhadas por outras classes, etc.

3 — Ilustrar composições. Comentar as ilustrações e submetê-las à crítica construtiva da classe.

4 — Selecionar, recortar e agrupar gravuras, por assunto, em cartazes e envelopes.

5 — Dobrar e recortar as fichas de leitura.

6 — Fazer:

a) envelopes individuais para colecionar o material de leitura;

b) outros trabalhos que sejam reclamados por uma necessidade do aluno ou da classe, tais como: capas em cadernos, copos de emergência, etc.;

c) programas dos auditórios ou festas da classe, etc.

#### *Trabalhos Manuais com Aritmética e Geografia*

1 — Desenhar, recortar e modelar objetos para concretizar as noções sobre grandeza, quantidade, forma, etc.

2 — Fazer:

a) relógios para conhecimento das horas (material: cartolina, papelão, madeira, algarismos recortados de folhas, de jornais ou desenhados pelos alunos);

b) envelopes individuais para colecionar as fichas sobre os fatos aritméticos em estudo, etc.

3 — Organizar o material da loja escolar:

a) cobrir caixotes com papel ou chita;

b) arranjar prateleiras;

c) dispor os artigos de venda;

d) fazer etiqueta com os preços, etc.

4 — Colorir a bandeira nacional desenhada por outras classes.

#### *Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene*

1 — Desenhar:

a) os fatos ou objetos observados em vista às diversas dependências do prédio escolar e ao jardim do mesmo ou em excursões;

b) árvores frutíferas, destacando e colorindo suas partes;

c) os frutos de árvores desenhadas em outras classes — 3.º ano e 4.º.

(Os alunos das classes mais adiantadas fazem os desenhos da árvore).

A professora distribui os desenhos com as crianças e estas, pelos característicos de cada uma, desenharam os frutos, penca de laranjas na laranjeira, cacho de bananas na bananeira, galho de café no caféiro, etc., revelando que reconhecem a árvore e, ao mesmo tempo, sabem representar seus frutos.

(Exercícios semelhantes que favorecem o desenvolvimento da observação, podem ser feitos com hortaliças, flores, etc.).

d) animais domésticos, à escolha do aluno;

e) pássaros, ninhos e ovos;

f) a rua da escola, localizando as casas mais próximas;

g) frisos ou gregas e cartazes, tendo por motivo pássaros, ninhos e árvores, etc.

2 — Recortar os melhores desenhos para serem colados no álbum da classe.

3 — Colorir árvores, frutos, animais, paisagens, etc., esboçados pelos alunos de outras classe (2.º ano, 3.º e 4.º) ou esboçados e mimeografados pelo professor.

4 — Representar certos aspectos da natureza (dias de sol, de vento, de chuva, etc.) por meio de desenhos ou gravuras.

5 — Fazer:

a) álbuns individuais ou coletivos com os melhores trabalhos da classe;

- b) sacolas para merenda, guardanapos, lenços, etc. ;  
 c) pequenas casas para abrigo de pássaros, aproveitando caixotes de giz, etc. (Estas casas serão colocadas ao ar livre, a fim de que as aves façam aí seus ninhos).

6 — Preparar caixotes para o plantio de flores, hortaliças, etc.

## Canto

### Considerações

O Canto é uma disciplina rica em valores educativos pela influência que a música exerce no espírito infantil.

Desde a mais tenra idade, sente a criança em seu estado físico ou psíquico os efeitos desta arte maravilhosa, quando uma canção consegue acalmar-lhe os nervos ou trazer-lhe o sono.

A criança não experimenta satisfação apenas em ouvir canções. Gosta, ela própria, de cantá-las, pois que isso lhe proporciona alegria e lhe causa bom humor. Cantar é uma necessidade de seu organismo, assim como falar, rir e brincar. A escola aproveita essa influência da música como agente educativo de incontestável valor.

### Finalidades e valores

Os valores educativos do Canto são de natureza cívica, social e estética.

Precioso fator da disciplina e da Educação Moral, pelos sentimentos nobres que desperta e realça, o Canto incentiva o amor à Pátria, unificando tôdas as almas em torno do mesmo ideal cívico, bem como imortaliza os heróis e os grandes feitos dos nossos antepassados.

Exalta nos corações os sentimentos de fraternidade humana e nivela os indivíduos, não considerando as desigualdades de condições, mas integrando todos os mesmos sentimentos e ideais.

Fortalece a vontade, favorece a memória, descansa o espírito fatigado, traz alegria à vida e entusiasmo à escola.

Considerando em sua finalidade específica, o Canto educa o senso musical e a voz, beneficiando o aparelho respiratório, além de desenvolver o gosto artístico dos escolares.

A finalidade do canto na escola é conseguir a realização dos seus valores, para os quais deve atentar a professora, que mais facilmente executará o seu trabalho se o fizer com entusiasmo, alegria e devotamento, bem como procurando, cada vez mais, aprimorar as qualidades essenciais seguintes: o ritmo firme, senso auditivo, afinação segura, gosto artístico, indispensável cultura musical e pedagógica, além de uma técnica regular de piano para o concurso às comemorações, festividades, marchas, auditórios, etc. A última observação não se estende às escolas onde não haja professora especializada de canto ou às que não possuam piano, sendo o canto, neste caso, lecionado por uma das professoras do estabelecimento que, segundo seus conhecimentos, melhor possa ministrar o ensino.

### Condições do aluno

Ao despertar e desenvolver as qualidades do aluno, deve a professora lembrar-se de que o *ritmo*, além de ser o elemento básico da música, é disciplinador por excelência, e de que a *voz*, embora seja um dom natural, pode ser favorecida pela educação. Entretanto, para que o aparelho de fonação da criança, tão sensível e delicado, não seja prejudicado, é preciso que o educando cante sempre dentro da tessitura das vozes infantis, evite qualquer esforço e não adquira o mau hábito de *cantar gritando* tão desagradável aos ouvintes e prejudicial aos órgãos vocais.

A extensão da voz da criança é bem curta e pouco varia com a idade.

Aos sete anos não passa de uma oitava,

Em côro, as crianças maiores de 9 ou 10 anos de idade e de vozes mais exercitadas podem atingir esta extensão:

Para bem ajustar as vozes à tonalidade e à extensão é indispensável um instrumento como o piano, o harmônio ou o diapasão.

Em determinada época do crescimento verifica-se uma alteração na voz, geralmente dos 12 aos 14 anos para as meninas e dos 14 aos 16 para os meninos. Devem os educandos, nesse caso, ser afastados da prática do canto, porém, não privados da assistência às aulas, voltando ao exercício da disciplina assim que desapareça o impedimento.

O ouvido merece também grande atenção. O aluno mal dotado de senso auditivo não deve ser excluído das aulas, mas sim colocado ao lado do côro, como ouvinte, até que possa fazer parte do mesmo.

As crianças afônicas, portadoras de amigdalite ou vegetações adenóides, serão primeiramente tratadas, iniciando depois o aprendizado do canto.

A constante vigilância à *califasia* (perfeita articulação e pronúncia das palavras) evitará as deturpações frequentes nas letras dos hinos e canções escolares.

A educação do ritmo e do *ouvido* pode ser auxiliada por meio de marchas, exercícios fáceis de vocalização, jogos musicais em que a criança alia o gesto ao canto ou aos sons onomatopaicos, etc. Os movimentos ritmados concorrem para promover a ordem mental.

Estes processos dão, às vezes, resultados surpreendentes com as crianças que, a princípio, talvez por deficiência mental ou orgânica, bem como por falta de hábito, se apresentavam destituídas dessas qualidades, impossibilitadas de entoar ou acompanhar sequer qualquer música.

#### Respiração

Não é necessário encarecer a importância da respiração no Canto. Deve ser feita sem a menor preocupação do aluno e ser guiada pelo próprio trecho musical. Um pequeno exercício respiratório precederá sempre à aula, bem como será dado um pouco de vocalização para as classes mais adiantadas. Dos exercícios seguintes, indicados por Vila Lobos, poderão ser dados alguns:

1 — Respiração imperceptível em atitude correta e natural.

2 — Inspiração pelo nariz e expiração pela bôca, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.

3 — Inspiração pelo nariz e expiração pela bôca, em ritmo binário, emitindo brandamente a vogal *a*: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º.

4 — O mesmo exercício, mais prolongado, em ritmo ternário.

5 — Repetir o mesmo exercício com interrupção repentina da voz.

6 — Inspiração pelo nariz e expiração pela bôca, ao emitir o *a*, como um suspiro profundo que recebe um *glissando*, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.

7 — Vocalização da mesma nota (com o auxílio do diafragma). Este exercício denuncia imediatamente os desafiados.

8 — O mesmo exercício em conjunto com tôdas as vogais, em ritmo quaternário, seguindo-se a escala e dentro da tessitura das vozes.

NOTA — Este exercício não precisa ir além do sol na 2.ª linha.

#### Ambiente

O Canto deve ser ministrado dentro da ordem e da disciplina, mas num ambiente de cordialidade e bem estar. Embora nem sempre disponham os estabelecimentos de local apropriado, este deve ser alegre, claro, ventilado e iluminado, tanto quanto possível, para corresponder às exigências pedagógicas e higiênicas, ambiente esse que dê prazer às crianças.

Em algum lugar da casa (sala de música ou biblioteca, por exemplo) podem ser colocados quadros de cartolina com os rudimentos de teoria e manossolfa do curso primário, trabalhos biográficos de compositores brasileiros (Carlos Gomes, Francisco Manuel da Silva, Vila Lobos, etc.) feitos pelos alunos das classes mais adiantadas e expostos juntamente com os respectivos retratos, gráficos, discos coloridos.

fotografias de compositores célebres, etc., constituindo um "ambiente musical" e sendo uma pequena fonte de cultura e de veneração das crianças pelos grandes músicos.

#### *Horário*

Para maior proveito do ensino, as aulas devem ser bissemanais, no mínimo, de 15 a 20 minutos, atendendo assim ao interesse e necessidades de cada classe. Em um dos dias da semana o canto deve ser feito em conjunto para as classes do 1.º ano e do 2.º e para as do 3.º e do 4.º. Se a sala não comportar muitos alunos, pode ser feito separadamente para as classes de um mesmo ano do curso, contanto que, ao menos uma vez por semana, seja feito um canto coletivo.

No horário desse dia, a professora de Canto pode destinar parte do tempo ao trabalho que deve realizar com a professora de Educação Física, no preparo de marchas, bailes, calistenia, etc., prestando o seu concurso em outros dias que se fizer necessário, sem, contudo, prejudicar o ensino da sua disciplina.

Quando as crianças se mostrarem fatigadas por maior esforço mental, deve ser feito em classe, fora do horário, um pouco de canto, bastando cantar baixinho, sem perturbar as outras classes, durante alguns minutos, uma canção já aprendida.

Se as condições do prédio o permitirem, o canto pode ser feito diariamente, à entrada das aulas, sendo entoados hinos, canções patrióticas e outras, acompanhadas ao piano, quando possível. Esta prática, além de habituar as crianças à execução do Canto em conjunto, incentiva o patriotismo e imprime mais alegria aos trabalhos escolares.

#### *Seleção do repertório*

O repertório a ser ensinado nos 4 anos do curso exige especial cuidado, não somente na parte relativa à música, mas também à letra, que tanta influência exerce na educação moral e cívica.

A seleção dos hinos e canções deve subordinar-se ao interesse e ao desenvolvimento mental dos alunos, sendo necessário evitar-se a escolha de trechos difíceis para as crianças do 1.º ano ou canções demasiadamente infantis para as mais adiantadas.

O canto do principiante deve ser curto, simples, agradável e sensível, de maneira a bem impressionar-lhe o espírito. Todo o repertório musical visa a educação do sentimento e do gosto artístico. Compete à escola formar uma mentalidade musical que eleve o espírito e eduque o sentimento, e somente a boa música, pura, bela e rica de expressões, pode despertar emoções sadias e exaltar o valor artístico de um povo. Cumpre, portanto, excluir os textos de canções que, destituídos de valor educativo, não se adaptem ao ambiente sadio que a escola deve constituir.

O canto popular, as canções folclóricas, que exprimem com tanto singeleza o sentir de cada região, sensibilizando a alma da criança, concorrem igualmente para a formação do sentimento pátrio. Os hinos e as canções patrióticas, despertando os mais elevados sentimentos de amor à Pátria, exercem prodigiosa influência na educação moral e cívica, principalmente quando relacionadas aos acontecimentos históricos.

As canções de ofício, dignificando o trabalho, concorrem para desenvolver o espírito de cooperação e excluir da escola os complexos e os preconceitos de classe e profissão.

É também considerável o valor do canto religioso na escola, quer como fator de educação religiosa e moral, quer como propulsor de desenvolvimento artístico, visto constituir gênero de música bem diferente e especial.

Tendo de ensinar alguma música extra-programa, não deve a professora de Canto esquecer-se de colocá-la dentro da tessitura das vozes infantis, por meio da transposição, sempre que necessário.

#### *Letras dos hinos e canções*

Os alunos do 1.º ano, principalmente no 1.º semestre, podem aprender a letra dos hinos e canções por audição, isto

é, repetindo a declamação rítmica das mesmas, feita pela professora. Do 2.º ano em diante podem ser escritas no quadro negro para serem copiadas em cadernos, pelos alunos, e decoradas, a fim de que durante a execução do canto as crianças não desviem a atenção da regência.

#### *Canto por audição*

A predisposição do espírito infantil é uma condição indispensável à aprendizagem. Deve, portanto, a professora, motivar a aula, apresentando gravuras, conversando com os alunos em linguagem simples e expressiva. Depois de ler a poesia em voz clara, deve dar a significação dos termos desconhecidos, para que os alunos aprendam o sentido. Em seguida, deve fazer o seguinte:

1.º — Interpretar a poesia com a classe.

2.º — Fazer com os alunos a declamação rítmica, que consiste em recitar os versos segundo o ritmo da música, dando a cada sílaba a duração da figura musical correspondente. Exemplo: Sal (3.º tempo) — ve (4.º) — lin (1.º) — do pen (2.º) — dão (3.º) — da es pe (4.º) ran (1.º) — ça (2.º) — Sal (3.º) — ve (4.º), etc.

3.º — Tocar a melodia, bem baixinho, ao piano, para ser apenas ouvida.

NOTA — Não sendo possível, por falta de piano, pode ser suprimida a etapa acima, sem prejuízo para o ensino.

4.º — Cantar a melodia algumas vezes para os alunos, sôzinha e sem piano.

5.º — Cantar com os alunos, sem piano, até conseguir bom resultado.

6.º — Fazer com que as crianças cantem sôzinha e sem piano, desenvolvendo a educação do ouvido e de atenção, adquirindo hábito de responsabilidade e ganhando confiança em si, requisitos necessários a todos os componentes de um côro.

7.º — Fazer, ao piano o acompanhamento do canto dos alunos, que já devem saber a melodia perfeitamente bem.

Para facilitar a compreensão de certos trechos em que haja dificuldades ou vícios, o uso dos gráficos dá excelentes resultados

Durante as aulas, a professora deve exigir uma articulação perfeita das palavras, uniformidade e atitude correta, a qual tanto auxilia a boa respiração e a melhor emissão da voz, bem como ensinar cuidadosamente a emitir as vogais *a* e *e*, que não devem soar abertamente. É indispensável estimular sempre os alunos desatentos ou inativos, para que não deixem de tomar parte na execução. O canto pode ser feito em uníssono ou a duas e mais vozes.

#### *Correlação de matérias*

As aulas de Canto podem ser correlacionadas ao ensino das demais matérias do programa, quando necessário e oportuno, concorrendo também para atividades como dramatizações, projetos, comemorações, auditórios, clubes, etc. O estudo dos episódios marcantes da história do Brasil, principalmente, dá ao ensino do canto excelentes motivos e

#### *Teoria musical e manossolfa*

No 3.º ano e no 4.º podem ser dados alguns rudimentos de teoria manossolfa. Uma vez por mês, uma das aulas de canto pode ser substituída por esta parte, que deve ser dada na própria sala de aula, podendo o ensino obedecer ao seguinte:

Notas musicais e entoação das mesmas pelo manossolfa (clave de sol, começando pelo dó da 1.ª linha suplementar inferior e terminando no dó do 3.º espaço da pauta, constituindo uma oitava). O solfêjo, indicado pelo movimento da mão, segundo o quadro de manossolfa abaixo, é de grande utilidade para a atenção e a afinação, podendo ser variado à vontade: enunciando o nome das notas com a bôca fechada, pronunciando *nã, nã, nã ...* ou *lá, lá, lá, etc.*

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos  
 Geografia e História — Uma hora e 15 minutos  
 Canto — Uma hora  
 Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora  
 Ginástica — Uma hora e 15 minutos.  
 Período livre — 30 minutos. Demais atividades como entrada — chamada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

Para o 3.º ano e o 4.º:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição e biblioteca — 7 horas e 30 minutos

Aritmética — 3 horas

Ciências — Uma hora e 15 minutos

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora

Canto — Uma hora.

Demais atividades: entrada, chamada, recreio, saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

b) Antes do recreio, atividades que exijam maior esforço mental dos alunos.

c) A duração de cada aula deve ser regulada pelo interesse da classe.

d) Os períodos livres a professora preencherá com atividades que julgar mais necessárias para atender às deficiências dos alunos ou permitirá que estes trabalhem de acordo com o interesse; por exemplo: alguns em jardinagem; outros, na biblioteca; outros, em trabalhos manuais, etc., contanto que nenhum permaneça inativo.

e) Nas escolas onde não houver biblioteca, as professoras deverão fazer para a classe a leitura de algum livro interessante.

f) São oferecidos, como sugestões, modelos de horários para os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos. Os horários de língua pátria podem ser alternados com os de outras matérias.

## Instruções sobre os horários

1. — O início e o fim das aulas, bem como o recreio, nas escolas que funcionam em dois turnos ou em turno único, devem obedecer ao horário indicado no Regulamento do Ensino:

a) *Aulas: Início* — 7 ou 7,30 e 12 horas ou 12,30, para as escolas que funcionem em 2 turnos; 11 horas, para as de um só turno. *Fim:* 11 ou 11,30 e 16 ou 16,30 para as primeiras e 15,30 para as segundas.

b) *Recreio:* 9,5 às 9,30 ou 14,5 às 14,30 nas escolas de 2 turnos; 13,15 às 13,45, nas escolas de um só turno.

2 — Os professores podem organizar seus horários. Recomenda-se, porém, que considerem o seguinte:

a) o total de horas semanais deve ser respeitado assim:

Para o primeiro ano:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral e composição — 7 horas e 45 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora e 15 minutos.

Período livre, 30 minutos. Demais atividades como chamada — entrada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

Para o segundo ano:

Língua Pátria — compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição — 7 horas e 30 minutos

Aritmética — duas horas e 30 minutos

## Notícias de Nossas Escolas

### UM AUDITÓRIO NO GRUPO ESCOLAR "TITO FULGENCIO" DESTA CAPITAL

Aproveitar as oportunidades surgidas em classe para motivar o estudo das matérias do Programa, mantendo vivo o interesse dos alunos, é habilidade do bom professor.

Assim fez Ivone Araújo, professora no Grupo Escolar "Tito Fulgêncio", desta Capital.

Regendo uma classe de primeiro ano iniciante, aplicava, no ensino da leitura, o método global, usando o pré-livro de Lili.

Entusiasmadas as crianças com as lições e a Lili — personagem central do livro, — resolveram oferecer a esta um bebê, que em classe, recebeu o nome de Roberto.

Todo o interesse dos alunos voltou-se, então, para o bebê. Aproveitou-o, sem perda de tempo, a docente, para realizar seus planos de trabalho. Aulas de linguagem, aritmética, de higiene, trabalhos manuais, desenho, modelagem, foram ministradas em torno do Bebê, que polarizava a atenção da classe. As crianças confeccionaram o enxoval do boneco; discutiam, comparavam preços, anotavam as despesas feitas e as quantias necessárias para a compra do material; redigiam bilhetes e ilustravam histórias. Noções de higiene foram dadas, aplicando-se ao boneco os cuidados que uma criança requer para gozar boa saúde.

#### SEMANA LETIVA — DISTRIBUIÇÃO DAS AULAS

(1.º ano)

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
Lettura (dois períodos) L. Linguagem Pátria Orig. e escrita Composição	Lettura (dois períodos) L. Linguagem Pátria Orig. e escrita Hora de histórias	Linguagem Lettura (dois períodos) L. Linguagem Pátria Orig. e escrita Composição	Linguagem Lettura (dois períodos) L. Linguagem Pátria Orig. e escrita Hora de histórias	Linguagem Lettura (dois períodos) L. Linguagem Pátria Orig. e escrita Composição
Aritmética e geometria Ciências e Higiene Canto Desenho e trabalhos manuais	Aritmética e geometria Ciências e Higiene Desenho e trabalhos manuais Exercícios livres	Aritmética e geometria Português Desenho e trabalhos manuais Canto	Aritmética e geometria Ciências e Higiene Desenho e trabalhos manuais Exercícios livres	Aritmética e geometria Ciências e Higiene Canto Exercícios livres

A alimentação do bebê motivou o conhecimento das hortaliças mais aconselhadas em uma sopa nutritiva.

Ao fim de alguns meses de estudo, organizaram os alunos um auditório, para apresentarem os trabalhos realizados e festejarem também a recepção do primeiro Livro de Leitura.

Os alunos do 4.º ano, sócios do clube agrícola, contribuíram para a alegria das crianças do 1.º ano, oferecendo-lhes excelente sopa de legumes, feita quase exclusivamente com a colheita da horta.

Do auditório foram tiradas as fotografias que se seguem.

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA  
OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE — 1948.

## TABELA DE ANÚNCIOS

	Cr\$
Na capa (lado externo), 1 página . . . . .	500,00
" " " " 1/2 " . . . . .	300,00
" " (lado interno), 1 " . . . . .	300,00
" " " " 1/2 " . . . . .	200,00

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos,  
bem como os anúncios em cores, pagarão preços  
especiais previamente combinados